



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V - MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA FRAZÃO

**AS REVOLUÇÕES FORAM COMPARTILHADAS:
AS MÍDIAS DIGITAIS E A PRIMAVERA ÁRABE**

**JOÃO PESSOA - PB
2012**

PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA FRAZÃO

**AS REVOLUÇÕES FORAM COMPARTILHADAS:
AS MÍDIAS DIGITAIS E A PRIMAVERA ÁRABE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB em cumprimento à exigência para obtenção do diploma de bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Garcia Nogueira

JOÃO PESSOA – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

F848r Frazão, Pedro Henrique Oliveira.
As revoluções foram compartilhadas: as mídias digitais e a Primavera Árabe. / Pedro Henrique Oliveira Frazão. – João Pessoa, 2012.
68f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Relações Internacionais, 2011.
"Orientação: Prof^ª. Dra. Silvia Garcia Nogueira, Curso de Relações Internacionais".

1. Mídias digitais. 2. Globalização. 3. Relações de poder. 4. Novos agentes. 5. Primavera Árabe. I. Título.

21. ed. CDD 956

PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA FRAZÃO

**AS REVOLUÇÕES FORAM COMPARTILHADAS:
AS MÍDIAS DIGITAIS E A PRIMAVERA ÁRABE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB em cumprimento à exigência para obtenção do diploma de bacharel.

Aprovada em: 26/06/2012



Prof.^a Dr.^a Silvia Garcia Nogueira/UEPB
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Ana Paula Maielo/UEPB
Examinadora



Prof.^a Ms. Gabriela Gonçalves Barbosa/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos jovens árabes, pela
coragem em sair do mundo virtual e enfrentar
a realidade de uma estrutura falida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba, pela estrutura de ensino que propiciou minha formação.

À professora Silvia Nogueira, pelos ensinamentos e pela orientação que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

À professora Cristina Pacheco, por me ensinar o valor da pesquisa acadêmica.

Aos professores da graduação em Relações Internacionais da UEPB, pela dedicação e paciência, em especial à Anahi de Castro, Cristina Pacheco, Elias David, Eliete Gurjão, Gabriela Gonçalves, Paulo Kuhlmann e Silvia Nogueira.

Aos meus pais, José Ailton Frazão e Edna Oliveira Frazão, pela estrutura familiar, base fundamental do desenvolvimento humano.

Ao meu irmão, George Oliveira Frazão.

Aos meus avós paternos, Rosil Moraes Frazão e Neuza Fernandes Frazão, e maternos, Francisco Chagas de Oliveira e Jandira Melo de Oliveira, pelos ensinamentos advindos da experiência.

À Amy, por aguentar meu estresse nos últimos 6 meses sem latir e pelas lambidas amigas.

À família que a vida me proporcionou, meus amigos queridos Alessandra Soares, Andrei de Ferrer, Carina Rodrigues, Caroline Cevada, Delmo Almeida, Elze Rodrigues, Inara Rosas, Lucas Dantas, Luína Marinho, Luísa Nevett, Manoela Lemos, Marcela Dimenstein, Maria Olívia Elias, Suzane Medeiros, Tainá Medeiros, Thadeu dos Santos, Vinícius Marques e, em especial, Alan Manga, por toda a força e ajuda que você me deu neste trabalho.

Aos meus colegas de sala. Nós chegamos lá!

Aos companheiros do MUNDI, por me ensinarem o valor do trabalho em equipe.

Aos colegas de trabalho da DIGNATA, pela experiência que levarei por toda a vida.

Aos amigos do mestrado em Comunicação da UFPB.

Aos nerds Mark Zuckerberg (*Facebook*), Jack Dorsey (*Twitter*), Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim (*YouTube*).

Ao gênio Steve Jobs.

“Quando o homem conquista a auto-suficiência, acontece uma revolução.”

(Henry Thoreau)

RESUMO

As mudanças advindas do pós-Guerra Fria trouxeram inúmeras consequências para o cenário internacional, tais como a vitória do bloco capitalista, a aceleração do processo de globalização ao redor do mundo e o consequente surgimento de diversas tecnologias que tornaram o tempo e o espaço cada vez mais relativos. Esta maximização das relações sociais a nível global, levou a modificações não somente no seio da sociedade, mas espalhou-se por todas as camadas que estão direta ou indiretamente ligadas às relações humanas. Sendo assim, as relações de poder tornam-se cada vez mais voláteis, influenciando diretamente o rumo das Relações Internacionais. Isto se deve principalmente pela participação cada vez mais intensa de novos agentes neste meio, tais como a própria sociedade civil, que surgem diariamente devido aos novos temas da agenda de debates e às novas tecnologias que possibilitam sua ação no nível internacional. Desta forma, o trabalho apresentado se propõe a analisar o impacto das inovações tecnológicas do campo da comunicação nas relações de poder no meio internacional. Para tanto, delimitamos como objeto de estudo o caso das revoltas populares que tomaram conta da região árabe em meados de 2010, denominadas de Primavera Árabe, tendo em vista sua singularidade no cenário político internacional ao fazer uso das mídias digitais para o alcance de seus objetivos, proporcionando, assim, mudanças na forma de ação no meio global.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias digitais; Globalização; Relações de poder; Novos agentes; Primavera Árabe.

ABSTRACT

The changes resulting from the post-Cold War brought many consequences for the international scene, such as the victory of the capitalist bloc, the acceleration of globalization around the world and the consequent emergence of several technologies that had made time and space more relatives. This maximization of social relations at the global level, led to changes not only in society, but spread to all layers that are directly or indirectly linked to human relations. Therefore, power relations had become increasingly volatile, directly influencing the course of international relations. This is mainly due to the increasingly intense participation of new agents in this area, such as civil society itself, that arise daily due to new items on the agenda of discussions and new technologies that enable its action at the international level. Thus, the present work will analyze the impact of technological innovations in the field of communication in power relations in the international environment. To do so, was delimited as the object of study the case of riots that have taken hold in the Arab region in mid-2010, called Arab Spring, due to its uniqueness in the international political scene as they made use of digital media to reach their goals, providing changes in the way of action in the global environment.

KEYWORDS: Digital media; Globalization; Power relations; New agents; Arab Spring.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número global de usuários de internet, total e a cada 100 habitantes, 2001-2011	15
Gráfico 2 - Usuários de internet a cada 100 habitantes, 2001-2011	16
Gráfico 3 - Usuários de internet por região a cada 100 habitantes, 2011	16

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. EU TUITO, TU CURTES, ELE COMENTA: AS MÍDIAS DIGITAIS E O MUNDO GLOBALIZADO	13
1.1 Globalização e internet: processos <i>glocals</i> e espaços excluídos	14
1.2 Novas mídias: o usuário 2.0 e o universo pós-massivo	18
2. A PRIMAVERA ÁRABE EM PAUTA: O CONTEXTO HISTÓRICO E A APROPRIAÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS.....	26
2.1 As diferenças entre os Estados da Primavera Árabe	28
3. AS MÍDIAS DIGITAIS, O PODER E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

É histórico o caminho que a sociedade vem tomando nas reconfigurações espaciais e temporais. Desde a formação das primeiras civilizações, passando pela criação dos grandes impérios, até a civilização moderna, as interações sociais partiram da convivência diária entre tribos à formação de uma aldeia global interconectada. Os últimos trinta anos, entretanto, foram cruciais para uma modificação profunda na forma como os seres humanos se relacionam devido principalmente ao surgimento de novas tecnologias que deixaram o tempo e o espaço cada vez mais relativos.

Claro que muita coisa aconteceu entre uma pintura rupestre e a possibilidade de enviar mensagens instantâneas em redes capazes de organizar movimentos. Entretanto, vale salientar que não é intenção desse trabalho realizar um apanhado histórico da revolução tecnológica informacional, mas demonstrar, através da análise da Primavera Árabe, a importância dessa ferramenta para as Relações Internacionais.

Estas mudanças recentes tiveram como pano de fundo o marco histórico do fim da Guerra Fria e as suas consequências para as Relações Internacionais. A vitória do bloco capitalista, o processo de globalização e as inovações tecnológicas, tais como o surgimento da internet, proporcionaram uma maior interação entre os seres humanos, transformando a informação em uma ferramenta fundamental para as relações de poder no cenário internacional. Estes novos aspectos, entretanto, vêm modificando sensivelmente pressupostos tidos como imutáveis, criando novos fenômenos para este campo de estudo.

A Primavera Árabe surge, assim, como um desses novos fenômenos globais que nos proporcionam a possibilidade de refletir acerca da nossa área de estudo. Caracterizada por uma onda de revoluções ocorrida no norte da África e no Oriente Médio, a Primavera Árabe é singular ao ponto em que proporcionou uma ação global de agentes não-estatais através das mídias digitais que proporcionaram não apenas a união de uma coletividade com objetivos comuns, mas foram a plataforma por excelência de suas ações. Foram nos meios digitais que os manifestantes se organizaram, influenciaram a outros e também foram influenciados, angariaram apoio internacional, disseminaram notícias, vídeos, fotos e outras informações acerca dos acontecimentos driblando a censura local, ou seja, as mídias digitais foram uma verdadeira central operacional para as ações da Primavera.

Apesar disso, é importante salientar que o uso da comunicação pelo Estado ocorre desde o início de sua formação. Seja na Revolução Francesa e seus informes impressos que clamavam por mudanças governamentais, seja na propaganda nazista da Alemanha de Hitler, ou na ditadura militar brasileira e suas marchinhas de saudações ao país, a mídia sempre esteve presente na formação das políticas estatais.

Nas Relações Internacionais não é diferente. A cobertura de conflitos pela mídia, a imagem promovida de uma Nação ou de um líder de governo, as questões locais que ganham força global quando divulgadas massivamente, entre outros casos, acabam influenciando nas tomadas de decisão das políticas externas dos países. Além disso, a mídia também torna-se um fator importante nas relações de poder entre os Estados: quem detém o controle da informação, detém poder.

A evolução das formas de comunicação não modificou esse aspecto, e a corrida para a apropriação dos meios digitais se dá na mesma intensidade com que ocorre nas mídias tradicionais. A grande diferença, entretanto, é que estas já nascem com proporções globais, pós-massivas, dificultando o controle por parte dos Estados, proporcionando, assim, a criação de novos eventos como a Primavera Árabe que surgem em um contexto não-estatal, porém atingem níveis de ação globais devido, entre outras razões, às características ímpares das mídias digitais. Se a questão midiática sempre esteve engendrada com as Relações Internacionais, trazemos à tona questões que tocam nesse ponto, mas que são pertinentes também pelo momento em que vivemos onde o dualismo entre “mídia” *versus* “sociedade” perde sentido quando esta sociedade encontra um amplificador para sua voz que pode chegar até a estruturas rígidas quanto a dos governantes.

Diante do explanado, nosso objetivo é compreender até que ponto as mídias digitais proporcionam uma certa reconfiguração das Relações Internacionais tendo como pressupostos os acontecimentos da Primavera Árabe que, através dos meios digitais, proporcionaram aos manifestantes (agentes não-estatais) a possibilidade de agir globalmente. Para tanto, fazemos uso de autores como Pierre Lévy e André Lemos, que buscam compreender o funcionamento das novas mídias, Leonardo Valente, que analisa o impacto das mídias digitais para as Relações Internacionais, Onuf e Wendt, teóricos construtivistas das Relações Internacionais, e Puddephatt, diretor da Global Partners, que enfatiza em seu artigo a importância dos meios digitais para a Primavera Árabe. Além desses autores, foram realizadas pesquisas em diversas redes de notícias a fim de realizar um levantamento histórico dos acontecimentos da Primavera Árabe.

A metodologia de pesquisa desse trabalho se deu inicialmente através de levantamento bibliográfico e pesquisa na internet e nas redes sociais acerca da utilização das mídias digitais por parte dos manifestantes árabes. Após a análise desses dados, levantou-se hipóteses explicativas que apontam para o uso majoritário por jovens destes meios digitais, utilizando-os com os objetivos principais de organização, de comunicação, de troca de informações e de angariação de apoio às manifestações. Além disso, os dados apontaram que o uso da rede teve um forte impacto no cenário internacional, por ter alcançado um nível global de discussão e por ter levado tais pautas à agenda de debates. Tendo a leitura dos teóricos da área e as hipóteses como pressupostos, foi possível o estudo do objeto do trabalho sob essa ótica de análise, chegando a novos resultados que foram organizados e divididos em três capítulos que buscam apresentar a pesquisa elaborada:

A primeira parte desse trabalho focará na compreensão do funcionamento destas novas mídias e como o processo de globalização influenciou no seu surgimento. Para tanto, serão demonstrados conceitos da área de comunicação, analisados através de uma ótica de ação global destas novas mídias, além da diferenciação destas em relação às mídias convencionais. Também será analisada como se dá implantação destes meios no mundo como consequência das diferenças na participação dos Estados na globalização. Ao final do capítulo serão apresentadas as plataformas utilizadas pelos manifestantes árabes durante a onda revolucionária.

O segundo capítulo tem por intenção apresentar como se deu os processos revolucionários da Primavera Árabe, abordando o contexto geral, as diferenciações entre os diversos países envolvidos e como se deu a apropriação das plataformas do meio digital por parte dos manifestantes enquanto agentes em coletividade.

Em um terceiro momento, será analisada a relação entre a mídia, o poder e as Relações Internacionais dentro do contexto da Primavera Árabe, buscando demonstrar como os agentes são afetados pelas novas mídias digitais e qual o efeito para as relações de poder e, consequentemente, para o cenário internacional. Serão demonstradas também as tentativas de controle dos meios digitais pelos Estados e como este meio, enquanto um espaço aberto, pode proporcionar uma ação coletiva global como visto na Primavera Árabe.

Por fim, apresentaremos as considerações finais acerca da pesquisa, demonstrando como os resultados desse trabalho contribuem para os estudos no campo das Relações Internacionais que evoluem em conjunto com o desenvolvimento das relações sociais, tendo em vista que as novas tecnologias comunicacionais vêm modificando o modo como os seres humanos se relacionam.

1. EU TUITO, TU CURTES, ELE COMENTA: AS MÍDIAS DIGITAIS E O MUNDO GLOBALIZADO

O primeiro capítulo deste trabalho tem por intenção a compreensão do funcionamento das mídias digitais e de suas ferramentas, essenciais – porém não determinantes como veremos posteriormente – para o andamento da Primavera Árabe. Dessa forma, serão levantados os principais conceitos que buscam conceber uma definição para estes meios, sua evolução em conjunto com a globalização, seu impacto no mundo, sua diferenciação das mídias convencionais e, por fim, serão apresentadas as principais plataformas utilizadas pelos manifestantes árabes durante as revoluções.

Vivemos hoje o que muitos autores chamam de revolução tecnológica informacional. O surgimento da informática e a criação da internet – em conjunto com o processo de globalização experimentado de forma intensa no final do último milênio – aparecem como alguns dos principais responsáveis por esta nova revolução.

Segundo André Lemos e Marcos Palacios (2001), a *pervasividade* é a palavra que define esta revolução pela qual a sociedade passa:

Algo é *pervasivo* quando se dissemina, difunde-se, infiltra-se por todas as dobras e frestas do tecido social. É assim a Tecnologia Informacional do final do milênio. A junção da Informática com as Telecomunicações, criando o que hoje denominamos Telemática, determina uma situação em que a influência tecnológica e seus impactos transformadores não ficam restritos a esta ou àquela sociedade. Tudo está sendo telematizado [...] (LEMOS; PALACIOS, 2001, p. 6)

A *pervasividade* acaba gerando novos espaços sociotecnológicos em que os indivíduos conectados à rede podem interagir um com os outros, realizar transações bancárias, fazer compras, consumir produções artísticas, entre diversas outras possibilidades, sem que o espaço e o tempo sejam um empecilho. Dessa forma, cada vez mais a informação torna-se a base da sociedade globalizada, e a tecnologia é o meio pela qual essa informação é disseminada, construída e moldada.

Essa face da modernidade é o que Castells (1999) chama de “Sociedade em Rede”: uma sociedade que vê suas relações sociais, políticas e econômicas cada vez mais conectadas e interdependentes, através de tecnologias informacionais que acabam reformulando a sociedade e, ao mesmo tempo, sendo reformuladas por esta. Essa reformulação em duas vias, proporcionada pela ampla troca de informações entre os indivíduos conectados aos novos

espaços sociotecnológicos, resulta no que Pierre Lévy (2007) denomina “Inteligência Coletiva”:

É uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, senão o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. (LÉVY, 2007, p. 28)

A “Inteligência Coletiva” de Lévy está intrinsecamente ligada à forma de utilização dos novos espaços sociotecnológicos pelos indivíduos, tais como os fóruns virtuais de discussão, as enciclopédias virtuais, a interatividade midiática, e, em especial para este trabalho, os *blogs*, os *microblogs* e as redes sociais.

1.1 Globalização e internet: processos *glocals* e espaços excluídos

Apesar de todo o conhecimento proporcionado pela revolução tecnológica informacional, não é possível afirmar que este é um processo universal e uniforme. Muitas sociedades ainda não fazem parte deste mundo digital, outras estão em processo de implementá-lo e poucas podem se denominar completamente informatizadas, ou ainda digitalmente letradas, como explica Henry Jenkins (2008) ao se referir à capacidade de discernimento e maturidade com relação a todas as opções de escrita que a internet possibilita ao usuário.

Autores como Hall (1992), Bauman (1999), Castells (1999), Wallerstein (2000), Cruz (2004), entre outros, já discutiram acerca do processo de globalização e da sua face excludente, em que sociedades economicamente pobres acabam ficando à margem deste processo. Entretanto, vale salientar que mesmo as sociedades excluídas acabam tendo contato com os novos processos, devido principalmente ao seu caráter expansivo, pervasivo, de difícil controle e muito mais social que tecnológico, o que acaba levando a tais sociedades ideias e pensamentos de diversos locais distintos, transformando-se, assim, em um processo de *glocalização*. Segundo Ulrich Beck (1999), este é um processo no qual o global e o local não se excluem, mas intercalam-se, fazendo com que as ideias trazidas pela globalização sejam traduzidas em um contexto local. Jesús Martín-Barbero (2010) afirma em seu texto “Globalização comunicacional e transformação cultural” que:

[...] o novo sentido que o local começa a ter nada tem de incompatível com o uso das tecnologias comunicacionais e das redes informáticas. Hoje essas redes não são unicamente o espaço no qual circulam capital, as finanças, mas também um lugar de encontro de multidões, de minorias e comunidades marginalizadas ou de coletividades de pesquisa e trabalho educativo ou artístico. (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 59)

Dessa forma, é possível analisar o nível de exclusão no processo de globalização, mais especificamente no processo de expansão da internet, através dos números de pessoas conectadas à rede mundial de computadores. Segundo a União Internacional de Telecomunicações¹ (ITU, na sigla em inglês), agência da ONU responsável pela padronização da telecomunicação mundial, estima-se que em 2011 chegou-se ao número de 2,4 bilhões de usuários mundiais, o que equivale a cerca de 34,7% da população mundial.

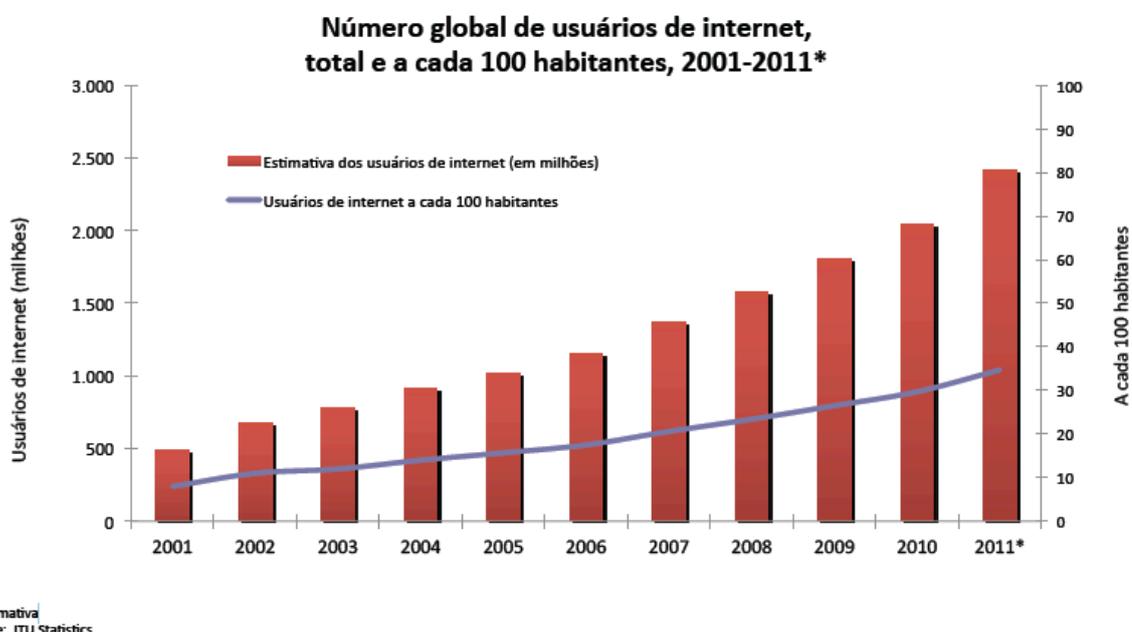


Gráfico 1 Número global de usuários de internet, total e a cada 100 habitantes, 2001-2011. Disponível em <<http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/>>. Acesso em: 16 jan 2012.

Do total de usuários conectados, 62% estariam em países em desenvolvimento e o restante nos países desenvolvidos, entretanto, se compararmos a quantidade de usuários por habitante, veremos que apenas 26,3% dos habitantes dos países em desenvolvimento possuem acesso à internet, enquanto que 73,8% da população dos países desenvolvidos estão conectadas.

¹ Disponível em: <<http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/>>. Acesso em: 16 jan 2012.

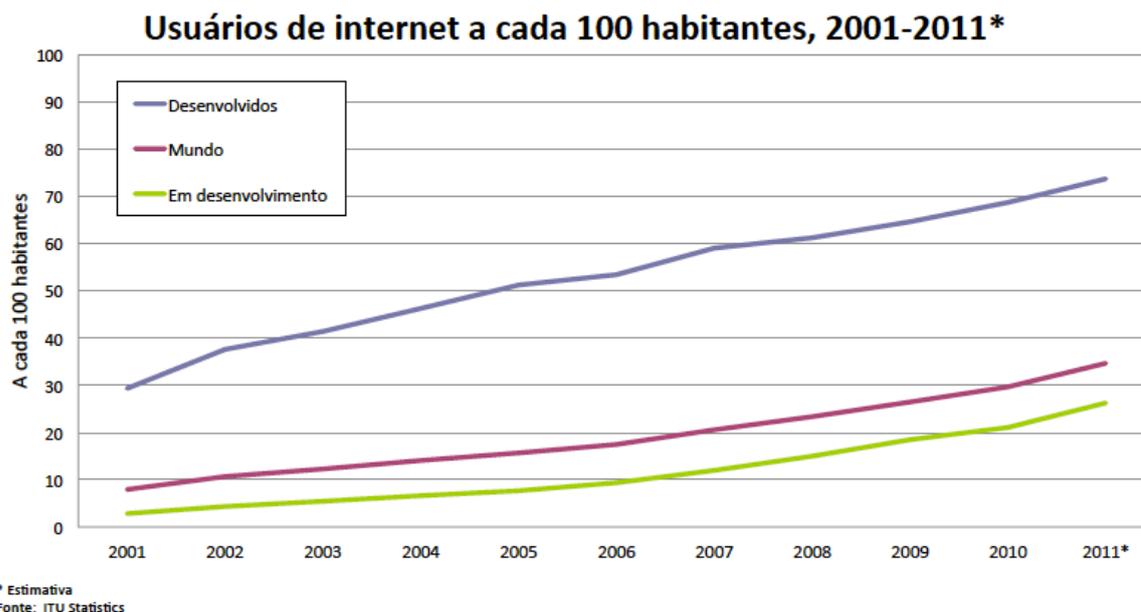


Gráfico 2 Usuários de internet a cada 100 habitantes, 2001-2011. Disponível em <<http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/>>. Acesso em: 16 jan 2012.

O número de usuários por região do globo também ajuda a compreender melhor a situação da exclusão na expansão da rede mundial de computadores. Percebe-se através do gráfico que as regiões mais ricas do planeta são as que possuem a maior porcentagem de usuários por habitantes:

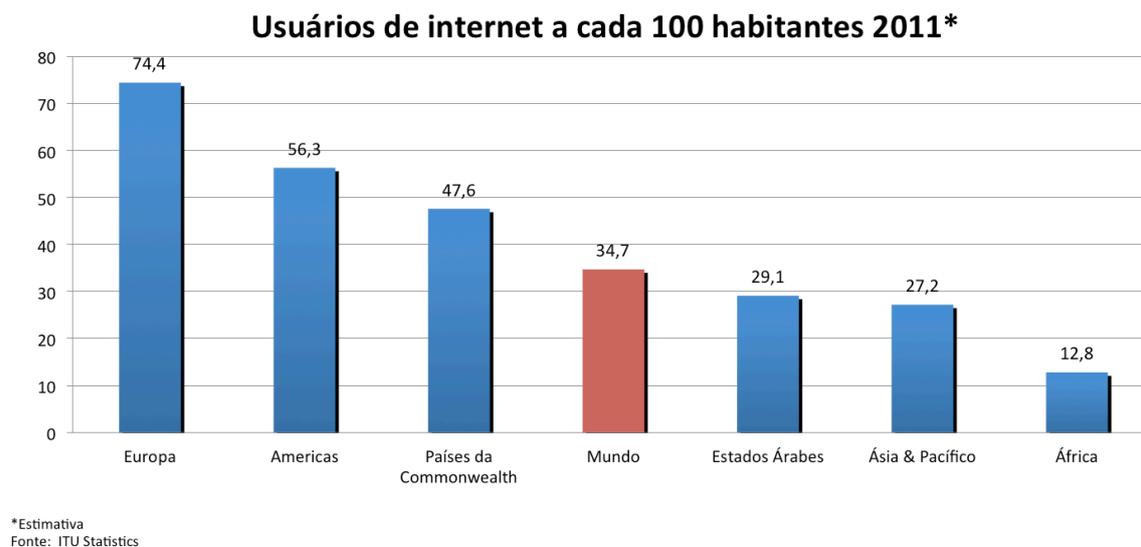


Gráfico 3 Usuários de internet por região a cada 100 habitantes, 2011. Disponível em <<http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/>>. Acesso em: 16 jan 2012.

No caso desse trabalho, vale ainda ressaltar os dados dos Estados Árabes, onde apenas 29,1% da população tem acesso a internet. Segundo relatório acerca da implementação de

“tecnologias informacionais e comunicacionais” (ICTs, na sigla em inglês) na região Árabe em 2012, elaborado pela União Internacional de Telecomunicações (ITU)², esses países ainda possuem um forte monopólio no mercado de internet, com regulamentações pouco transparentes e um alto preço pela oferta do serviço ao consumidor final:

[...] Ao mesmo tempo, o uso da Internet, e em especial o acesso à internet banda larga, ainda é limitado. Com base nas estimativas da ITU, menos de 30 por cento da população da região estava online no final de 2011 e a penetração da banda larga fixa situava-se em pouco acima de dois por cento, bem abaixo da maioria das outras regiões e da média mundial de cerca de nove por cento. Enquanto a maioria dos países da região lançaram serviços de rede 3G móvel, e mais e mais pessoas estão usando a rede celular para acessar a Internet, a penetração na região de banda larga móvel - estimado em cerca de 13 por cento - está abaixo da média mundial de 17 por cento. (ITU, 2012, p. III, tradução nossa)

Sendo assim, apesar de o mundo estar cada vez mais conectado à internet, ainda é possível perceber um grande abismo entre os usuários de Estados desenvolvidos e os de Estados em desenvolvimento³.

Existem diversos fatores que explicam esta discrepância, mas o baixo investimento em tecnologias informacionais e comunicacionais nos países mais pobres faz com que o preço final para a população destes Estados seja elevado. Dessa forma, observa-se nos países em desenvolvimento o grande uso de *lan houses* – locais em que se pode acessar a internet por um preço baixo sem a necessidade de possuir um computador – e de celulares com internet importados da China – mais acessíveis à população de baixa renda – tornando difícil mensurar as reconfigurações sociais oriundas do processo de penetração na cibercultura.

Por cibercultura, entende-se “um conjunto de técnicas (materiais intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 2007, p. 17) e tem, segundo André Lemos (2007), três princípios norteadores: a liberação dos polos de emissão, a conexão em larga escala e a reconfiguração da indústria cultural de massa e de instituições.

De forma semelhante ao meio internacional, há uma grande diferença interna nos países, principalmente nos em desenvolvimento, o que acaba criando um perfil do usuário de internet. Em sua maioria, as pessoas conectadas são jovens (entre 10 e 35 anos), pertencem às

² ITU. **Connect Arab Summit 2012: Connecting the unconnected by 2015...** - ICT adoption and prospects in the Arab region. Disponível em: <http://www.itu.int/dms_pub/itu-d/opb/ind/D-IND-AR-2012-PDF-E.pdf>. Acesso em: 16 jan 2012.

³ Não existe uma definição oficial do conceito de países desenvolvidos e em desenvolvimento, entretanto, refere-se a Estados desenvolvidos como aqueles com altas taxas de crescimento econômico, de industrialização, de segurança e de desenvolvimento humano, enquanto que os em desenvolvimento são caracterizados por possuírem taxas inferiores se comparadas às dos desenvolvidos.

classes média e alta e possuem um nível escolar de médio a elevado⁴. Estes usuários, ainda que restritos, fazem parte de um novo modelo comunicacional em que todos estão, de certa forma, conectados uns com os outros e a informação flui de forma rápida e fácil.

Muitos estudiosos, entretanto, afirmam que a nova era informacional fez com que as pessoas, principalmente os jovens, se afastassem da socialização e de temas sociais tradicionais:

O "estado de situação" criado por um novo universalismo, induzido pelas aberturas dos mercados e das comunicações colocou em xeque valores e "conceitos-força" tradicionais como: identidade, democracia, equidade, diferença etc. "O estranhamento domina a cena: desestabilizados, desorientados, perdidos no tempo e no espaço, é como se todos fôssemos *homeless*, sem casa; sem uma consistência subjetiva palpável, sem familiaridade de certas relações com o mundo, sem sentimentos compartilhados. Dessa casa invisível – mas real – carece a humanidade globalizada" (S. Rolnik). Essa é uma formosa maneira de descrever em código poético a sensação de desencanto, desrealização e precariedade que aflige a boa parte da humanidade. E também poderia ser uma descrição da sensação de perda de capital social, simbólico e afetivo, segundo a perspectiva do "estado de situação" da subjetividade de nossos tempos. (VIZER, 2011, p. 276)

Don Tapscott (2010), ao contrário, afirma a partir de sua pesquisa que a geração que vem crescendo socializada na frente dos computadores desenvolveu uma nova forma de pensar, de interagir, de socializar e de trabalhar. A "geração digital", como chama o autor, de fato não está ligada às formas de interação social convencionais, mas busca novos meios de fazer com que sua opinião seja ouvida e o faz, muitas vezes, de forma conjunta a outros milhares de usuários na rede que pensam de forma semelhante. Estas novas formas ou reconfigurações ligam-se efetivamente aos três princípios da cibercultura indicados por Lemos (2007) – já citados neste trabalho – e inferem diretamente na questão da glocalização que a internet carrega ao lado da globalização. Mas como estes usuários dispersos em uma rede gigantesca de cerca de 2,3 bilhões de usuários conectados conseguem unir suas ideias e opinar sobre diferentes questões?

1.2 Novas mídias: o usuário 2.0 e o universo pós-massivo

A internet dispõe de ferramentas que proporcionam a organização das ideias e dos debates no ciberespaço, criando uma inteligência coletiva que gera força e aumenta o volume,

⁴ Dados baseados em pesquisas sobre o Brasil. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/internet_usu.asp>. Acesso em: 16 jan 2012.

tanto em quantidade quanto em se fazer ouvir. Estas plataformas se fazem presentes através de fóruns, *blogs*, *microblogs* e redes sociais⁵, onde os indivíduos podem interagir uns com os outros, opinando sobre diversos assuntos, compartilhando o que quiserem e até mesmo organizando encontros, mobilizações, manifestações, entre outros, que podem ser tanto no meio virtual quanto na vida material. Em verdade, a internet vai além disso, “ela é capaz de fazer emergir construções culturais e sociais inéditas, que se transformam praticamente em sujeito, ganham ‘vida’ própria, uma vida virtual equipada com inteligência artificial” (STOCKINGER, 2001, p. 111).

A computação social da *Web 2.0* aporta uma modificação essencial no uso da *web*. Enquanto em sua primeira fase a *web* é predominantemente para leitura de informações, esta segunda fase cria possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na e em rede. Exemplos estão em expansão hoje, como comprovam a popularidade de redes sociais como Facebook, Orkut, My Space, Multiply, os *wikis*, *blogs* e *microblogs*, os instrumentos de publicação coletiva de fotos, vídeos e música (como Flickr, YouTube, Bit Torrent), e a emergência de redes de “etiquetagem” do espaço urbano com mapas digitais (Google Earth, Maps). (LEMOS & LÉVY, 2010, p. 52-53)

O novo usuário – que sempre existiu, mas era limitado pelas possibilidades técnicas da plataforma – que interage com as informações contidas na rede, que consome e ao mesmo tempo produz, é denominado de *prosumer*. Segundo Ritzer e Jurgenson (2010), este termo, cunhado na década de 80 por Alvin Toffler, ganhou força com o surgimento da *Web 2.0* devido às suas características interativas – destacando-se seu espaço que é de “todos”, pelos nós de conexões e pela redução do preço da técnica, facilitando e valorizando a produção amadora em uma democratização das ferramentas de produção.

Para Chris Anderson (2006), os *blogs* foram responsáveis pela democratização da editoração amadora na internet e são de total importância em uma era que ele reforça como “Pro-Am”, de produtores e amadores trabalhando no mesmo espaço. Segundo Anderson (2006, p. 61), “a consequência de tudo isso é que estamos deixando de ser apenas consumidores passivos para passar a atuar como produtores ativos. E o estamos fazendo por puro amor pela coisa (a palavra ‘amador’ vem do latim *amator*, ‘amante’, de *amare*, ‘amar’)”. Assim, *blogs* disputam a atenção com o público da CNN, por exemplo.

⁵ Por *fóruns*, entende-se espaços na internet em que os usuários podem postar sua opinião acerca de um tema previamente estabelecido. *Blogs* são páginas na internet em que o usuário posta informações, fotos, música, vídeos, entre outros de forma cronológica sobre qualquer assunto e pode receber comentários sobre tais postagens. *Microblogs* são sites em que o usuário posta informações abertas ou privadas em poucos caracteres e segue as postagens dos usuários que desejar. *Redes Sociais* são a forma de interação social mais complexa na internet, onde os usuários podem compartilhar o que quiserem, conhecer novas pessoas, organizar eventos, entre diversos outros meios de interação.

Doc Searls (*apud* Anderson, 2006, p. 61) explica este fenômeno como um êxodo do consumismo para o “produtivismo” participativo ao lembrar o tamanho controle por parte dos produtores que há na mídia desde que os produtores “ganharam” a Revolução Industrial. É neste ponto da história que as mídias clássicas surgem com suas características de controle. Estas mídias consideram que os consumidores estão espacialmente separados já que não havia uma rede, portanto não levam em consideração a inteligência coletiva para arquitetar seu conteúdo.

No entanto, as “novas mídias”, segundo André Lemos e Pierre Lévy (2010), possuem funções “pós-massivas”, ou seja, quebram com a ideia primária da mídia massiva e do controle por parte dos produtores da TV e do rádio, criando, assim, uma liberação dos polos emissores. Há então a possibilidade da criação do consumo por nichos, que facilita a interação mediada com o consumidor e abre espaço para um ambiente de escrita em algo que já foi tão matematicamente calculado.

Essa nova esfera pública digital não é recortada mais por territórios geográficos (os seus cortes relevantes correspondem antes às línguas, às culturas e aos centros de interesses), mas diretamente mundial. Os valores e os modos de ação trazidos pela nova esfera pública são a abertura, as relações entre pares e a colaboração. Enquanto as mídias de massa, desde a tipografia até a televisão, funcionavam a partir de um centro emissor para uma multiplicidade receptora na periferia, os novos meios de comunicação social interativos funcionam de *muitos para muitos* em um espaço descentralizado. Em vez de ser enquadrado pelas mídias (jornais, revistas, emissões de rádio ou de televisão), a nova comunicação pública é polarizada por pessoas que fornecem, ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas, em redes de troca e de colaboração. (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 13)

Vale salientar, entretanto, que as funções massivas e pós-massivas coexistem e se alternam mesmo dentro de plataformas pós-massivas. Como exemplo, é possível citar os jornais on-line, em que os usuários não possuem o poder de interação total, apenas consumindo as informações de forma massiva. No entanto tal jornal pode possuir uma extensão pós-massiva em um fórum de discussão ou um espaço que abra ao usuário comum a opção de enviar sua própria matéria.

Segundo Inês Amaral (2009), podemos apreender três pontos cruciais que caracterizam este público pós-massivo e segmentado que consome e produz simultaneamente: participação, poder e mobilidade. A primeira e a segunda destas características fazem com que os *prosumers*, dentro de seus grupos de interesse, ajam como filtro e como amplificadores das informações. Assim, a partir do momento em que se apropriam das plataformas digitais sociais já citadas anteriormente, fazem com que uma informação se destaque, ganhando

importância, em detrimento de outra, através do uso das ferramentas do meio pelo qual está se comunicando.

A audiência dessas informações compartilhadas, por sua vez, as recebe de forma desconexa e descontextualizada, cabendo a elas próprias filtrarem os que lhes forem interessante, por exemplo: o usuário do *Facebook* recebe constantes atualizações de seus “amigos”, mas cabe a ele a decisão de consumir tal informação, compartilhá-la ou adicionar novos dados acerca do que se está falando.

Esses receptores podem receber notícias que partem de lugares diversos e distintos de sua identidade local, proporcionando, dessa forma, a apreensão descontextualizada das informações, interpretando-as a partir da sua realidade. Isto é um produto da universalização das questões locais e é parte da construção da inteligência coletiva, tendo em vista que fenômenos locais saem de seus contextos sociais e ganham o mundo através da rede.

A característica de filtrar e amplificar as informações é o que os estudiosos da área de comunicação denominam de *gatekeeping*. Tradicionalmente, os *gatekeepers* são os editores das mídias com funções massivas que definem quais dados irão ser repassados ao público. Nas funções pós-massivas, o *gatekeeper* sofre uma mudança radical, passando a ser o próprio *prosumer*, que consome/produz os dados que lhe interessarem.

Como recapitula Antonio Hohlfeldt (2007), Kurt Lewin, em 1947, verificou informações relevantes sobre o processo de *gatekeeping* ou “filtragem da notícia” estudando o filtro que havia entre os acontecimentos e as publicações destes em um jornal impresso norte-americano. Seus dados coletados e suas conclusões mostram que de 1333 fatos negados de publicação no jornal, 800 foram excluídos por falta de espaço; 300 por sobreposição de tema ou estimada falta de interesse do público; 200 por baixa qualidade nos dados recebidos e 33 por serem notícias vindas de locais distantes de onde o jornal circularia. Em sua conclusão, de cada dez notas apenas uma viraria notícia no dia seguinte.

O processo de *gatekeeping*, como visto, era então feito por questões burocráticas e institucionais, entre outros. No entanto, o que aconteceria se uma das trinta e três notícias negadas por questões geográficas tivesse acontecido na cidade mexicana de um imigrante ilegal e fiel comprador do jornal? Para onde iriam as notícias que só interessariam a minoria? É claro que todas essas questões se diluem no líquido virtual da rede pelas razões que fazem desta um espaço pós-massivo, ou seja, o custo zero para manter um *blog* justifica publicar algo que seja interessante para uma minoria, tal como gastar 140 caracteres de espaço na sua página do *Twitter*, pelo qual o usuário paga a mesma coisa que se usasse mil caracteres: nada.

Esta mesma resposta vale para sabermos o que impediria uma imagem noticiosa de baixa qualidade circular online.

Na “era da intercomunicação”, como denomina Castells (2006), está em jogo a moeda da popularidade da informação segmentada. Nela o *gatekeeping* que passaria pelo crivo de uma equipe, depende do usuário e do seu (talvez) único leitor, sendo pessimista com relação ao público. Estas características confluem em funções pós-massivas, que se espalham atualmente também entre as mídias mais clássicas. Além disso, o engendramento das mídias possibilita que uma nota publicada em um *blog* circule pela *timeline* de diversos usuários, não tendo tantas limitações na sua divulgação. O facilitador é o que pesquisadores entendem por convergência e se liga a terceira e última característica desse novo público enumerada por Inês Amaral (2009).

“Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”, explica Henry Jenkins (2008, p. 27) enquanto destaca convergência como uma transformação cultural.

Essa terceira característica, a mobilidade, tem ligação com o fato de as novas mídias comunicacionais e informacionais, como visto anteriormente, serem pervasivas e ubíquas, ou seja, penetram em todos os lugares. Com a convergência das mídias e com o surgimento dos celulares com internet que possibilitaram o consumo e a produção em mobilidade das informações em rede, a velocidade quase em tempo real da circulação dos dados faz com que esse novo público esteja sempre atualizado e participando da construção da inteligência coletiva.

Nesse contexto, a mídia tradicional passa por uma reformulação de suas funções e de seus modos de ação. Em uma sociedade onde as pessoas possuem poder de decidir sobre quais informações querem consumir, podem participar de sua construção e estão em constante mobilidade, consumindo e produzindo mídia. Assim, não há como esperar que os jornais tradicionais se mantenham da mesma forma como há vinte anos. Segundo Inês Amaral (2009) a mídia tradicional deve desenvolver novas práticas:

[...] desenvolver uma cultura hipertextual, incentivar feedback, promover a (re)utilização de conteúdos (inevitável), entrar nos espaços onde estão os utilizadores, valorizar o user-generated content, produzir para vários dispositivos, interagir nos media sociais, ENTENDER o cenário digital e as suas tags (crowdsourcing, social bookmarking...). (AMARAL, 2009)

Vale ressaltar, entretanto, que a mídia tradicional continua agindo como credibilizadora da informação. Isso quer dizer que enquanto a notícia não for publicada por um meio confiável, sua veracidade poderá ser contestada pelos receptores.

Tendo tudo o que foi visto até então como pressuposto, torna-se possível a apresentação das mídias sociais que serviram como plataforma de exposição dos anseios da população durante a Primavera Árabe: o *Facebook* e o *Twitter*, como plataformas principais, e o *YouTube*, como meio secundário.

Segundo a própria página do *Facebook*⁶, este foi criado em 2004 com a missão de “deixar o mundo mais aberto e conectado”. Os usuários dessa complexa rede social, utilizam-na para manterem-se conectados às suas famílias, aos seus amigos, aos colegas de trabalho, entre outros, para descobrir o que ocorre no mundo e para compartilhar vídeos, fotos, músicas, notícias, etc. e expressar o que desejarem

Além desta descrição básica das funções do *Facebook*, os usuários apropriam-se de suas ferramentas, utilizando-as de acordo com suas necessidades e vontades. Existem vários exemplos em que isso pode ocorrer, tais como o uso desta rede social para marcar encontros amorosos, para realizar promoção de um produto ou evento (sem que seja através dos meios pré-estabelecidos pela própria empresa), para o crime, para a realização de mobilizações online, para organizar grupos de protesto, entre outros.

Os manifestantes da Primavera Árabe fizeram uso do *Facebook* não somente para a organização dos protestos, mas também como plataforma para troca de ideias entre eles e deles com o mundo. Em alguns países, como na Tunísia e no Egito, o *Facebook* se tornou uma verdadeira central tanto de organização e de apoio global quanto midiática, ao servir como local onde se expunham as notícias, os vídeos, as fotos, etc.

O *Facebook* conta hoje com mais de 845 milhões de usuários ativos⁷ e estimativas⁸ preveem um número de 1 bilhão de pessoas conectadas ainda em 2012, quase metade dos usuários globais de internet (2,3 bilhões). Dessa forma, o *Facebook* deve ser levado em conta em escala global, tendo em vista que quase 1/7 da população mundial – que conta hoje com mais de 7 bilhões de habitantes – faz parte desta rede.

De forma semelhante, o *Twitter*, surgido em 2006, também sofreu uma modificação nas suas funções iniciais após a apropriação desse meio pelos usuários. Quando criado, a

⁶ Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/default.aspx>>. Acesso em: 16 abr 2012.

⁷ Segundo dados de dezembro de 2011, contidos na própria página do *Facebook*. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/default.aspx>>. Acesso em: 16 abr 2012.

⁸ Segundo o site The Next Web. Disponível em: <<http://thenextweb.com/facebook/2012/01/12/fuelled-by-emerging-markets-facebook-set-to-hit-1-billion-users-in-august/>>. Acesso em: 17 abr 2012.

intenção deste *microblog* era fazer as pessoas contarem sobre sua vida em até 140 caracteres. A mudança na utilização do *Twitter* foi tão visível que a própria empresa modificou em sua página⁹ quais as funções desta ferramenta, denominando-a de “rede de informações”:

Twitter é uma rede de informação em tempo real que conecta você às últimas histórias, ideias, opiniões e notícias sobre o que há de mais interessante. Basta encontrar as contas que você mais se identifica e seguir as conversas. O Twitter é composto por pequenas explosões de informação chamadas Tweets. Cada Tweet tem até 140 caracteres, mas não se deixe enganar pelo tamanho da mensagem; você pode descobrir muita coisa em pouco espaço. Você pode ver fotos, vídeos e conversas diretamente nos Tweets e acompanhar toda a história num piscar de olhos, tudo em um único lugar. (TWITTER, 2012)

Percebe-se através desta descrição que a função primordial do *microblog* é a informação rápida. Através do *Twitter*, o usuário fica por dentro do que está acontecendo no mundo em fração de segundos, basta que siga as contas apropriadas a isto (como as de jornais, políticos, instituições, organizações internacionais, etc.).

Uma outra característica do *Twitter* são as chamadas *hashtags*, representadas pelo símbolo “#”. Inicialmente, para chamar atenção para uma informação que o usuário considerava importante e para ligar esta informação a outras que possuíam a mesma ideia, colocava-se o símbolo *hashtag* seguida da ideia que se queria compartilhar, por exemplo, o termo *#ArabSpring* foi bastante utilizado para criar uma ligação entre os *tweets* acerca da Primavera Árabe. Atualmente, não é mais necessário anexar o símbolo *hashtag* ao termo, apesar de muitos usuários continuarem a utilizá-lo. Os assuntos mais comentados do *Twitter*, chamados de “*trending topics*”, ficam em uma lista na página do usuário, e podem ser separadas a nível mundial, nacional, estadual e municipal (nem todas as cidades possuem esta função).

A forma como o *Twitter* se estrutura demonstra bem a construção da inteligência coletiva, em que cada usuário interessado ajuda na formação do conhecimento geral. Em números, o *Twitter* conta hoje com mais de 140 milhões de usuários, que *tuítam* cerca de 340 milhões de *tweets* por dia¹⁰, fazendo com que a informação circule no mundo inteiro. Dessa forma, assim como o *Facebook*, este *microblog* não pode ser escanteado das formas de pressão social no mundo atual.

Quando apresentamos o *YouTube* como uma plataforma secundária na questão da Primavera Árabe, não estamos querendo diminuir sua importância como meio de divulgação

⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/about>>. Acesso em: 16 abr 2012.

¹⁰ Dados disponíveis em: <<http://blog.twitter.com/2012/03/twitter-turns-six.html>>. Acesso em: 16 abr 2012.

dos propósitos revolucionários da região Árabe. Pelo contrário! O *YouTube* possuiu (e ainda possui) um significado importantíssimo para a questão. A sua posição inferior de ação diz respeito somente à forma como este foi apropriado pelos participantes das revoluções.

O *YouTube*¹¹ é uma página na internet existente desde 2005 que hospeda vídeos elaborados (ou não) por usuários comuns que criam “canais” através de seus perfis. Estes vídeos podem ser compartilhados com o mundo inteiro através dos *links* que podem ser postados em redes sociais, *blogs*, *microblogs*, enviados por e-mail, entre outros meios. Existe também um fórum de discussão em cada página de vídeo (que pode ser suprimido pelo detentor do espaço), em que, através de comentários, os usuários debatem acerca do vídeo e de sua temática.

Na Primavera Árabe, no entanto, o *YouTube* foi mais utilizado como plataforma para subir os vídeos (fazer *upload*) que como espaço de debate (apesar de possuir um local reservado para elaborar comentários acerca dos vídeos), delegando ao *Facebook* e ao *Twitter* – onde é possível compartilhar os vídeos do *YouTube* – essa função. É por isso que consideramos o *YouTube* como uma plataforma secundária nos processos revolucionários estudados neste trabalho.

Tendo os pressupostos acima como base, torna-se mais fácil a compreensão do uso das mídias digitais pelos manifestantes da Primavera Árabe. Entretanto, antes de uma análise mais aprofundada sobre o impacto destes meios nas Relações Internacionais, é necessário conhecer o processo histórico deste movimento e como se deu a apropriação dos meios supracitados pelos indivíduos, como veremos no próximo capítulo.

¹¹ Dados disponíveis em: <http://www.youtube.com/t/about_youtube>. Acesso em: 16 abr 2012.

2. A PRIMAVERA ÁRABE EM PAUTA: O CONTEXTO HISTÓRICO E A APROPRIAÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Neste capítulo iremos tratar dos processos revolucionários ocorridos na região dos Estados árabes, abordando seu contexto geral, as diferenças entre os países envolvidos e suas peculiaridades e o uso das mídias digitais e tradicionais por parte da população. O objetivo desta análise contextual justifica-se pela necessidade de se conhecer o objeto em questão, ajudando, assim, na compreensão da importância do estudo do uso das mídias enquanto catalisadoras das revoltas populares do mundo árabe e como plataforma de apoio global às reivindicações.

A “Primavera Árabe” – como ficou popularmente conhecida – é a denominação para uma série de protestos que vêm ocorrendo no mundo árabe desde dezembro de 2010. Até maio de 2012, esta onda revolucionária já havia derrubado os governantes da Tunísia, do Egito, da Líbia e do Iêmen; revoltas civis haviam ocorrido na Síria e no Bahrein; grandes protestos foram registrados na Argélia, no Iraque, no Kuwait, no Marrocos e na Jordânia; e protestos menores tiveram lugar na Arábia Saudita, no Líbano, no Sudão, na Mauritânia, no Saara Ocidental e em Omã¹².

As manifestações tiveram início na Tunísia, onde os cidadãos comuns, principalmente os jovens, já não suportavam a situação socioeconômica que seu governo autoritário lhes proporcionava. Segundo Andrew Puddephatt (2011),

a situação sentida pelos tunisianos comuns [...] teve uma dramática reviravolta – um jovem tunisiano, desempregado, Mohamed Bouazizi, ateou fogo a si mesmo em protesto contra o desemprego. Ele morreu, mas ao invés de sua morte se tornar mais um incidente esquecido provocou uma série de tumultos que acabaram por se transformar em uma revolução popular contra o governo. (PUDDEPHATT, 2011, p. 19)

Após este incidente, em cerca de um mês o presidente Ben Ali e sua família foram obrigados a sair do país e um novo governo foi implantado, cedendo às pressões populares e dando início às reformas demandadas. Logo em seguida os protestos se espalharam pelo mundo árabe e alcançaram os mais diversos países.

A onda revolucionária ocorreu de forma rápida e inesperada. O diplomata Affonso Celso de Ouro Preto (2011, p. 27) afirma que o “movimento colheu o mundo de surpresa. Inclusive, aparentemente, serviços de inteligência como a CIA ou o MI5, os diplomatas,

¹² Disponível em: <<http://www.foxnews.com/topics/world/arab-spring.htm>>. Acesso em 24 jan 2012.

ONGs, centros de pesquisa, em diferentes áreas do planeta”. Esta rapidez no processo se deu, entre outras causas, pela forma de organização da população – principalmente dos jovens – que fez uso das mídias digitais (em conjunto com as mídias clássicas, como veremos posteriormente) para estruturar protestos e manifestações, além de divulgá-los no meio internacional. Segundo Ekaterina Stepanova (2011):

A maré de protestos de massa que varreram o Oriente Médio no início de 2011 destacou o distinto papel das modernas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e das ferramentas e redes das mídias sociais digitais. O impacto dessas tecnologias foi sentida a nível mundial, afetando tanto os países desenvolvidos quanto os em desenvolvimento, se não da mesma maneira. Enquanto a "Primavera árabe" pode apontar para um fenômeno de novas formas de protesto sócio-político de massa facilitado pelas redes de mídia social, particularmente no que diz respeito aos seus aspectos organizacionais e de comunicação, também deve produzir reservas importantes sobre a aplicabilidade de qualquer "lição direta" para outros contextos regionais e sócio-políticos. (STEPANOVA, 2011, p. 1, tradução nossa)

Ao afirmar que o impacto das tecnologias foram sentidas globalmente, Stepanova demonstra que esta nova forma de protesto político não se restringe apenas ao Estado que está sendo alvo de tais manifestações, mas todo o meio internacional. Isto ocorre principalmente pela característica de ubiquidade das novas mídias que estão em todo lugar, tornando o acesso mais fácil a essas informações.

Apesar da atualidade dos protestos¹³, é possível apreender dois pontos principais que motivaram o surgimento deste movimento segundo Ouro Preto (2011): a situação socioeconômica e a insatisfação política. O mundo árabe possui muitas distinções econômicas, tendo algumas nações um PIB *per capita* alto, como o Qatar¹⁴ (US\$179.000 – estimativa de 2010), e outras com uma renda baixa, como a Mauritânia¹⁵ (US\$2.100 – estimativa de 2010). Entretanto, todos fazem parte do Terceiro Mundo e enfrentam problemas comuns a esses países, como a desigualdade social, o desemprego, a pobreza e a falta de perspectiva.

Segundo Ouro Preto (2011), o fim da Guerra Fria e a implementação de modelos econômicos neoliberais pioraram a situação econômica destas populações, pois a diminuição da participação do Estado na economia proporcionou uma série de problemas sociais gerados pela falta de assistência aos mais pobres. O autor aponta também a crise de 2008 como um outro fator agravante.

¹³ O que dificulta levantar suas possíveis causas e consequências.

¹⁴ Disponível em: <[http://www.indexmundi.com/qatar/gdp_per_capita_\(ppp\).html](http://www.indexmundi.com/qatar/gdp_per_capita_(ppp).html)>. Acesso em: 24 jan 2012.

¹⁵ Disponível em: <[http://www.indexmundi.com/mauritania/gdp_per_capita_\(ppp\).html](http://www.indexmundi.com/mauritania/gdp_per_capita_(ppp).html)>. Acesso em: 24 jan 2012.

A segunda causa dos movimentos árabes é a insatisfação política. A grande maioria dos países do mundo árabe são governados por regimes autoritários, com exceção do Líbano – uma república parlamentar com um sistema que impede a má representação das mais diversas religiões e etnias do país, conhecido como “confessionalismo”¹⁶. Além da falta de liberdade de expressão e da pouca (ou nenhuma) participação política da população – problemas típicos de governos autoritários – grande parte desses governos já estão no poder há muitos anos, criando sistemas de corrupção, nepotismo e ineficiência que já estão enraizados nas sociedades desses países.

Na Tunísia, por exemplo, o ex-ditador Zine el-Abidine Ben Ali já estava no poder desde 1987. De acordo com Lisa Anderson (2011), havia uma forte censura no país, restringindo a liberdade de expressão e os partidos políticos, e as perspectivas eram miseráveis. Além disso, a família de Ben Ali era extremamente corrupta e correspondia a mais da metade da elite comercial do país. Já no Egito, segundo Ouro Preto (2011), após sessenta anos de governo militar – tendo Hosni Mubarak como último general a dirigir o país – a corrupção, o nepotismo e a incompetência já haviam assolado o regime.

Sendo assim, houve um desgaste político dos regimes árabes por não mais satisfazer as vontades e reivindicações da população de seus países, principalmente dos jovens que não aceitavam mais o *status quo* da distribuição de poder na sociedade da forma como se encontrava. Isto levou a uma perda de legitimidade que outrora desfrutaram, criando “um clima de crescente mediocridade e de autoritarismo desprovido de qualquer áurea” (OURO PRETO, 2011, p. 29). Logo, as populações ansiavam por uma maior participação política, buscando melhores perspectivas, empregos, liberdade de expressão e uma maior eficiência das instituições governamentais.

2.1 As diferenças entre os Estados da Primavera Árabe

Apesar de a quase totalidade dos países da região árabe ter sido afetada pelos movimentos da “Primavera” e possuir alguns pontos em comum entre suas motivações e o uso das mídias digitais como forma de organização e divulgação (na maioria dos países), não é possível tratar os processos revolucionários de cada Estado de forma igual. Cada país possui características econômicas, políticas e sociais distintas que resultaram de um legado histórico

¹⁶ Disponível em: <<http://www.state.gov/j/drl/rls/hrrpt/2002/18281.htm>>. Acesso em: 24 jun 2012.

também distinto, o que influencia diretamente nas causas e consequências desta onda revolucionária. Como demonstra Lisa Anderson (2011):

As profundas diferenças entre as rebeliões tunisiana, egípcia e líbia nem sempre ficam aparentes na mídia popular. O momento em que ocorreram essas revoltas populares – tão súbitas e quase simultâneas – sugere que as similaridades entre as autocracias, desde seus líderes velhos e corruptos até sua juventude educada, desempregada e ressentida, seriam suficientes para explicar a onda de revoluções. No entanto, em cada nação esses jovens manifestantes enfrentaram autoridades diferentes – e diferentes serão as dificuldades que eles enfrentarão no futuro. (ANDERSON, 2011, p. 40)

Segundo Ouro Preto (2011), existem alguns tipos de Estados no mundo árabe: os consolidados, os tribais, os setoriais, e outros casos específicos. Esta separação, mesmo que superficial, também ajuda a compreender as distinções entre as sociedades dos diversos países envolvidos na Primavera Árabe. Dessa forma, utilizando as características delineadas por Ouro Preto, focaremos na análise das variações entre as nações que conquistaram transformações profundas tanto na política como na sociedade: Tunísia e Egito enquanto Estados consolidados; Líbia e Iêmen com sociedades tribais; e Síria como país setorial.

Tunísia

Como visto anteriormente, a Tunísia foi a precursora da Primavera Árabe. No entanto, devido aos índices sociais elevados para a região, era o país em que menos se esperava uma revolta popular, pois, segundo Ouro Preto (2011), possui o melhor sistema educacional da região, maior classe média e o movimento trabalhista mais forte; além de possuir um governo central nos moldes europeus – decorrente da colonização francesa. Entretanto, como demonstra Anderson (2011), a liberdade era cerceada e a imagem de bem-estar do país era uma ilusão para atrair turistas, quando a realidade estava bem longe disso. “Não é de estranhar que a acusação dos islamistas, de que o governo estava prostituindo o país por moeda estrangeira, tenha ressoado na Tunísia” (ANDERSON, 2011, p. 40).

Apesar da corrupção na família de Ben Ali – já comentada anteriormente neste trabalho – as instituições do governo eram saudáveis tendo em vista que o ex-presidente não necessitava dos subornos burocráticos para governar. Anderson (2011, p. 41) afirma que isto cria uma “perspectiva de que um governo limpo, eficiente e tecnocrático viesse a substituir Ben Ali”. Já em relação às forças armadas, a autora ressalta a inferioridade de seu papel em relação a outros países como o Egito, tendo em vista que não participaram diretamente dos protestos, apenas se recusaram a apoiar o regime do ex-presidente.

O papel das mídias digitais na Tunísia foi crucial para os acontecimentos que moldaram a Primavera Árabe que assistimos. Segundo Delany (2011):

A Tunísia era um terreno fértil para uma revolta via internet. Apesar de uma população bem educada (com uma idade média de 24 anos), o país não tinha criado empregos suficientes para o grande número de jovens que obtêm diplomas secundários e universitários, em particular nas regiões do interior e do oeste do país. Os 10 milhões de habitantes da Tunísia e os dois milhões de cidadãos expatriados são ávidos usuários de tecnologia, no entanto: 85% da população tem celulares (5% smart phones), e apenas cerca de dois milhões deles estão no Facebook. Na época da Revolução o Twitter tinha uma porcentagem muito menor, talvez com 500 usuários ativos dentro das fronteiras do país, mas como veremos, quem estava tuitando importava mais do que quantas pessoas estavam fazendo isso. Na prática, estas foram as únicas ferramentas da Web 2.0 disponíveis para o ativismo, uma vez que outros canais como o YouTube foram censurados pelo governo. (DELANY, 2011, tradução nossa)

Esta capacidade intrínseca de utilização da internet enquanto um meio para o ativismo foi além da organização de protestos. Ao utilizarem a internet, os jovens tunisianos acabaram espalhando seus anseios entre as mais diversas pessoas, ganhando, assim, espaço nas mídias digitais. Isto fez com que cada vez mais usuários apoiassem a causa tanto na Tunísia quanto em outros países. Segundo Delany (2011), o *Facebook* tornou-se centro de ação, com fotos e vídeos do que estava ocorrendo dentro do país, criando uma rede global de ativistas *online*.

Como exemplo desta mobilização, podemos citar a informação do site de notícias The National¹⁷ ao afirmar que nos três primeiros meses do ano de 2011 a palavra em inglês “protest” (protesto) foi citada seiscentos e vinte mil vezes no *Twitter*, entre outras também relacionadas à Primavera Árabe como “Egypt” (Egito), um milhão e quatrocentas mil vezes, “jan25”, um milhão e duzentas mil vezes, “Libya” (Líbia), novecentas e noventa mil vezes e “Bahrain” (Bahrein), seiscentas e quarenta mil vezes.

Ainda segundo Delany (2011), as mídias tradicionais, principalmente o canal de televisão Al Jazeera¹⁸, passaram a compilar todas as informações advindas das mídias digitais e que não chegavam por outros meios devido à censura existente na Tunísia. Dessa forma, as informações conseguiram alcançar aqueles que não possuíam acesso à internet, principalmente os adultos e os idosos que pouco utilizam as redes sociais.

Os protestos na Tunísia ocorreram inicialmente devido à negligência do governo em relação às áreas rurais e se focaram no interior do país. Em um segundo momento, estes

¹⁷ Disponível em: <<http://www.thenational.ae/news/uae-news/facebook-and-twitter-key-to-arab-spring-uprisings-report>>. Acesso em: 25 fev 2012.

¹⁸ Al Jazeera é um canal independente de notícias do mundo árabe com sede em Doha, no Qatar, que transmite sua programação para diversos países no mundo. Disponível em <<http://www.aljazeera.com/aboutus/2006/11/200852518555444449.html>>. Acesso em 25 mai 2012.

manifestantes uniram-se à causa do movimento trabalhista, demonstrando, assim, a força deste grupo – tendo em vista que foram as sucessivas greves que deram suporte às manifestações contra o governo. Foi neste ponto que as mídias da *Web 2.0* ganharam força e a organização das manifestações passou a se dar através destes meios. Com a intensificação das manifestações, o ex-ditador Ben Ali não suportou as pressões e acabou fugindo da Tunísia. Delany (2011) afirma que esta foi uma terceira fase importante no uso das redes sociais, tendo em vista que os manifestantes as utilizaram para driblar a falta de informações e para se organizarem contra as forças que ainda apoiavam o antigo regime.

A fuga de Ben Ali e a implementação de governos emergenciais logo após sua queda geraram uma Tunísia que vem passando pelos problemas típicos da construção de uma democracia própria, tentando abarcar todas as diferenças internas e buscando pôr um fim nos problemas sociais que continuam a assolar o país. No dia 23 de outubro de 2011, a população votou pela primeira vez após a revolução¹⁹. Foi formada uma Assembleia Constituinte em que a maioria dos representantes pertencia ao partido islâmico moderado *Ennahda*. O presidente interino eleito através da Assembleia, Moncef Marzouki, é um defensor dos Direitos Humanos e antigo opositor de Ben Ali²⁰.

Como pioneira da Primavera árabe, a Tunísia está presa sob um microscópio. O mundo está esperando para ver se esta nação que fica na encruzilhada entre a Europa, a África e o Oriente Médio pode dar um exemplo de convivência democrática e de progresso para o resto da região. (PULITZER CENTER, 2012, tradução nossa)²¹

Tendo a Tunísia sido o modelo para os outros países que também passam por manifestações, esta também servirá como base para a reorganização desses Estados após o fim dos protestos por ter sido a primeira a derrubar sua ditadura e a organizar uma nova forma de governo. Resta esperar pelos próximos passos que a sociedade tunisiana dará para se conceber um estudo acerca dessa influência.

Egito

Os protestos na Tunísia e o uso das mídias digitais – que espalharam a revolução por todo o mundo – acabaram por influenciar os jovens de outros países da região a lutarem

¹⁹ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/19/tunisia-elections-path-arab-spring>>. Acesso em 25 fev 2012.

²⁰ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/22/tunisia-assembly-inaugural-session>>. Acesso em 25 fev 2012.

²¹ Disponível em: <<http://pulitzercenter.org/projects/tunisia-revolution-democracy-unemployment-economy-strikes-conservatism-islam-constitution-arab-spring>>. Acesso em: 25 fev 2012.

também pela melhoria de suas condições de vida. Familiares, amigos e os árabes em geral assistiram – sem a velha censura estatal – através dos meios digitais (e também das mídias tradicionais, como visto anteriormente) que a revolução era possível e se espelharam nos jovens tunisianos. O Egito, também um Estado já historicamente consolidado segundo Ouro Preto (2011), foi o segundo a passar pelas manifestações da Primavera Árabe.

Diferentemente da Tunísia, Anderson (2011) afirma que as manifestações egípcias já foram organizadas desde o início por jovens urbanos, educados e globalizados das maiores cidades do país que não viam perspectiva de um futuro digno em um governo que não possuía a capacidade de fornecer os serviços necessários e não se preocupava com o desemprego e com a pobreza. A administração de Hosni Mubarak já vinha em declínio devido à corrupção, ao nepotismo e à sua ineficiência. Além disso, o setor público egípcio já estava bastante corrompido em decorrência da necessidade de subornos para se ter acesso a serviços básicos.

Ainda segundo Anderson (2011), a polícia egípcia é um outro problema enfrentado pela população. Extremamente violenta e corrupta, esta não é respeitada pela maioria dos cidadãos, ao contrário do que se vê em relação ao exército. Durante as manifestações ocorridas em janeiro de 2011, a polícia respondeu de forma agressiva tentando conter os protestos e, logo em seguida, desapareceu das ruas, em uma tentativa de desestabilizar a nação.

Apesar de a liberdade de expressão estar contida na Constituição egípcia, Mubarak tentava de todas as formas cercar este princípio. Dessa forma, os manifestantes buscaram outros modos para se comunicar e informar a massa sobre os acontecimentos utilizando as mídias digitais para marcar datas de encontro e para expor internacionalmente o que vinha ocorrendo no Egito. Dessa forma, assim como na Tunísia, a internet foi crucial para os protestos egípcios.

Percebendo este movimento, o ex-ditador Mubarak fechou o acesso à internet buscando um recuo dos manifestantes, porém não obteve sucesso. O Google, em parceria com a *SayNow* e com o *Twitter*, criou um sistema que permitiu aos egípcios *tuitarem* mesmo sem acesso à rede, através de um número internacional em que as pessoas ligavam e diziam o que queriam que fosse postado no *Twitter*²².

Os meios tradicionais de comunicação também tiveram um papel importante no Egito e foram além da televisão, do rádio ou de outras mídias com funções massivas. Segundo Puddephatt (2011), os egípcios, especificamente no Cairo, capital do país, imprimiam os

²² Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/02/02/world/middleeast/02twitter.html>>. Acesso em 12 jan 2012.

eventos²³ criados no *Facebook* e espalhavam as páginas entre as pessoas que não possuíam acesso à internet para que pudessem também participar dos protestos.

Em pouco menos de um mês de manifestações pacíficas de resistência civil e com o apoio do exército, Mubarak sai do poder em 11 de fevereiro de 2011²⁴. O Conselho Supremo das Forças Armadas dissolveu o parlamento egípcio e estabeleceu que iria governar até que eleições fossem organizadas²⁵. Em novembro de 2011²⁶ foram realizadas eleições para o parlamento e em janeiro de 2012²⁷ a Assembleia Popular assume com maioria islamista. As eleições presidenciais foram marcadas para maio de 2012²⁸.

A respeito do futuro da nação egípcia pós-Primavera Árabe, Lisa Anderson (2011) ressalta que:

Como se esforçam para demonstrar os manifestantes de Tahrir [praça que ficou famosa por abrigar a maioria das manifestações], o Egito tem uma cultura de fortes laços comunitários e de confiança, que se manifestou na incrível disciplina dos seus manifestantes [...]. Todos esses acontecimentos devem hoje ser motivo de otimismo sobre o novo potencial do Egito de construir e manter uma sociedade aberta. (ANDERSON, 2011, p. 42.)

Assim como na Tunísia, o Egito caminha para uma estabilização pós-Primavera Árabe, entretanto, ainda é cedo para afirmar qual o caminho que os egípcios irão tomar. A disciplina e os laços comunitários e de confiança, como demonstra Lisa Anderson, conseguiram guiar a sociedade através das manifestações, mas o futuro do Egito ainda é incerto.

Líbia

Diferentemente dos dois Estados anteriores, a Líbia possui uma sociedade com características tribais²⁹, como afirma Ouro Preto (2011):

²³ Área do *facebook* na qual o usuário pode criar qualquer evento, público ou privado, em que as pessoas podem assinalar se estarão presentes, se talvez irão, ou não.

²⁴ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/11/hosni-mubarak-resigns-egypt-cairo>>. Acesso em: 12 jan 2012.

²⁵ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/13/egypt-military-rejects-swift-power-handover>>. Acesso em: 12 jan 2012.

²⁶ Disponível em: <<http://egyptelections.carnegieendowment.org/2011/11/28/electing-new-egypt>>. Acesso em 12 jan 2012.

²⁷ Disponível em: <<http://egyptelections.carnegieendowment.org/2012/01/25/results-of-egypt's-people's-assembly-elections>>. Acesso em: 10 fev 2012.

²⁸ Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/articles/2012/05/02/confusion-surrounds-egypt-s-presidential-elections-set-for-may-23.html>>. Acesso em: 4 mai 2012.

²⁹ Forte relação pessoal de fidelidade e/ou parentesco, não havendo uma ligação nacional forte.

A sua unidade, frágil, decorre de seu farsante (e às vezes dramático) líder, o coronel Gaddafi, e do enriquecimento do litoral, decorrente do petróleo. A sociedade, todavia, é profundamente dividida por tribos antigas como se verifica hoje na rebelião contra o governo central. (OURO PRETO, 2011, p. 31)

Esta forma de organização social ocorre pela forte relação pessoal de fidelidade ou parentesco, o que dificulta a união nacional como busca-se construir desde os tempos da colonização. Esta divisão pôde ser observada durante as manifestações da Primavera Árabe que, em oposição ao ocorrido na Tunísia e no Egito, não possuiu a mesma forma organizada de agir e acabou culminando em uma guerra civil.

A sociedade líbia estava fraturada, e cada instituição nacional, inclusive as Forças Armadas, estava dividida por rixas entre famílias e regiões. Ao contrário da Tunísia e do Egito, a Líbia não tem um sistema de alianças políticas, uma rede de associações econômicas ou organizações nacionais de qualquer tipo. Assim, o que pareceu começar como protestos não violentos, semelhantes aos da Tunísia e do Egito, logo se transformou numa secessão aberta – ou secessões múltiplas – de um Estado falido. (ANDERSON, 2011, p. 43)

Muammar Gaddafi, ex-ditador líbio, governou durante cerca de quarenta anos favorecendo certos grupos sociais em detrimento de outros. Anderson (2011) ainda ressalta que a corrupção, em decorrência da escassez induzida de produtos e serviços básicos, era generalizada; o desenvolvimento social, apesar da renda gerada pelo petróleo, era bastante desigual; a censura era uma das mais duras da região³⁰; a violência era intensa; e o policiamento não era confiável. Todos estes problemas geraram uma descrença no regime e a desconfiança motivou ainda mais a criação de redes de parentesco e fidelidade.

O uso das mídias digitais na revolução líbia foi menos intenso quando comparado ao uso no Egito e na Tunísia. Nesses dois países verificou-se um aumento no uso desses meios durante as manifestações, enquanto que na Líbia houve uma diminuição de 76% no uso do *Facebook*³¹ entre os usuários líbios devido principalmente à fuga dos cidadãos em decorrência da guerra civil. Outro fator que impediu uma maior participação das mídias sociais foi o controle da internet pelo governo³². Apesar disso, a postagem de notícias por pessoas comuns tanto no *Facebook* quanto no *Twitter*, mesmo que em menor número, foi importante, o

³⁰ Segundo relatório de 2012 da *Freedom House*, organização não-governamental que mede o nível de censura nos países. Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/sites/default/files/inline_images/FIW%202012%20Booklet--Final.pdf>. Acesso em: 30 mar 2012.

³¹ Disponível em: <<http://www.thenational.ae/news/uae-news/facebook-and-twitter-key-to-arab-spring-uprisings-report>>. Acesso em 10 fev 2012.

³² Disponível em: <<http://www.flonnet.com/fl2905/stories/20120323290508900.htm>>. Aceso em: 10 abr 2012.

YouTube recebeu vários vídeos dos acontecimentos filmados e postados pelos cidadãos líbios e o apoio nas redes sociais alcançou uma escala global³³.

Os protestos que culminaram na guerra civil líbia tiveram início em janeiro de 2011³⁴. Devido à forte repressão de Gaddafi e à falta de uma organização nacional dos manifestantes – como apontado por Lisa Anderson (2011) – a guerra já estava instaurada em fevereiro do mesmo ano³⁵. Segundo Anderson (2011), a oposição ao governo uniu os rebeldes e parte das Forças Armadas (fraca e pouco armada) que não apoiava o regime do ex-ditador. Inicialmente, os opositores chegaram a controlar mais da metade do território líbio³⁶, entretanto, Gaddafi conseguiu retomar parte deste território³⁷. Foi criado na Líbia o Conselho Nacional de Transição (CNT)³⁸ que representava os interesses políticos dos rebeldes, passando a ser reconhecido internacionalmente³⁹ como representantes do povo da Líbia.

Houve uma série de acusações tanto nas mídias digitais quanto nas tradicionais das atrocidades cometidas pelo regime líbio que estaria prendendo, estuprando⁴⁰, matando e realizando ataques aéreos contra manifestantes⁴¹. Estes acontecimentos somado aos interesses políticos e econômicos na região fez com que uma intervenção militar internacional⁴² fosse organizada em março de 2011, tendo sido o primeiro (e até o momento o único) caso de intervenção estrangeira direta durante as manifestações da Primavera Árabe. Através da Resolução 1973 do Conselho de Segurança da ONU⁴³, estabeleceu-se uma zona de exclusão aérea no território líbio e autorizou-se o uso de todos os meios necessários para por fim ao regime de Gaddafi.

Uma coalizão internacional foi formada para colocar em prática a zona de exclusão aérea, dentre os países estavam o Reino Unido, a França, os EUA, a Itália, a Espanha, o

³³ Disponível em: <<http://bostinno.com/2011/08/22/the-libyan-revolution-through-social-media/>>. Acesso em: 30 fev 2012.

³⁴ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/16/muammar-gaddafi-condemns-tunisia-uprising>>. Acesso em: 10 fev 2012.

³⁵ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/16/libyan-protesters-clash-with-police>>. Acesso em: 10 fev 2012.

³⁶ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/24/libya-rebels-control-gaddafi-oilfields>>. Acesso em 10 fev 2012.

³⁷ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/10/gaddafi-libya-nato>>. Acesso em: 10 fev 2012.

³⁸ Disponível em: <<http://www.ntclibya.org/english/about/>>. Acesso em 10 fev 2012.

³⁹ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jul/15/libyan-rebels-international-recognition-leaders>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁴⁰ Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/06/08/gaddafi-e-investigado-por-uso-do-estupro-como-arma-de-guerra.jhtm>>. Acesso em 10 fev 2012.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/11/nicolas-sarkozy-libya-air-strikes>>. Acesso em 10 fev 2012.

⁴² Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/17/libya-un-security-council-air>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁴³ Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs//2011/sc10200.doc.htm>>. Acesso em: 10 fev 2012.

Canadá, a Dinamarca, a Noruega, o Qatar, entre outros⁴⁴. A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) passou a liderar a maior parte das ações militares e controlou a zona de exclusão aérea⁴⁵. Com a ajuda da coalizão, os rebeldes conseguiram avançar até a captura e morte de Gadaffi, em 20 de outubro de 2011⁴⁶.

Após a tomada do poder pelo CNT, estabeleceu-se a formação de um governo interino⁴⁷ e um prazo para as eleições tanto do legislativo como do executivo foi estipulado pra junho de 2012, com regras eleitorais que foram criticadas pelos partidos tendo em vista que não abarcariam toda a população líbia e forçariam a votação de candidatos independentes e não partidários; além disso, foi estabelecida uma cota de apenas 10% de lugares na Assembleia para mulheres⁴⁸ e foi proibida a formação de partidos religiosos, tribais ou étnicos⁴⁹.

Dessa forma, é possível perceber que a situação da Líbia ainda é frágil principalmente pelas suas características tribais. O recente governo enfrenta um país dividido tendo a difícil tarefa de levar as reformas a todos os grupos internos⁵⁰. Apesar dos esforços, as profundas divisões sociais parecem conter o avanço das melhorias, demonstrando de fato que “a Líbia enfrenta a complexidade não da democratização mas da formação de um Estado” (ANDERSON, 2011, p. 43).

Iêmen

De acordo com Ouro Preto (2011), o Iêmen, assim como a Líbia, também possui uma sociedade tribal que convive desde muito antes da formação do Estado. Além disso, o Iêmen possui uma forte separação entre o sul e o norte – que já foram dois Estados independentes anteriormente. Entretanto, estes desentendimentos históricos foram deixados de lado durante as manifestações – e somente durante elas como veremos posteriormente – havendo um elo entre os protestos do norte e do sul e uma união, mesmo que frágil, entre as tribos.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/blogpost/post/libya-conflict-whos-who-in-the-international-coalition/2011/03/23/ABVlvPKB_blog.html>. Acesso em 10 fev 2012.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.thisislondon.co.uk/news/nato-takes-lead-in-libya-operations-6385504.html>>. Acesso em 10 fev 2012.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/africa/2011/10/20111020135216487214.html>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/11/22/us-libya-idUSTRE7AL0JM20111122>>. Acesso em 10 fev 2012.

⁴⁸ Disponível em: <<http://af.reuters.com/article/libyaNews/idAFL6E8CF09420120115?pageNumber=1&virtualBrandChannel=0>> Acesso em: 10 fev 2012.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2012/04/25/us-libya-election-idUSBRE83O0Y620120425>>. Acesso em: 5 mai 2012.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.middle-east-online.com/english/?id=50901>>. Acesso em: 28 fev 2012.

Ainda segundo Ouro Preto (2011), um outro fator importante a ser destacado no caso do Iêmen foi a ajuda fornecida pelo ex-ditador Ali Abdullah Saleh – agora deposto – aos Estados Unidos durante a guerra ao terror iniciada em 2001 durante a administração do ex-presidente Bush, na qual o território do país foi usado como base para os ataques ao Afeganistão. Esta cooperação entre os dois países levantou críticas, enfatizadas por Tawakkul Karman⁵¹, uma das principais líderes dos protestos no Iêmen, a respeito dos reais interesses do governo americano em manter o então ditador no poder, tendo em vista ser um aliado em potencial⁵².

Os levantes populares no Iêmen tiveram início a partir da influência das manifestações tunisiana e egípcia. Essa disseminação dos valores da revolução se deu principalmente através das mídias digitais, como visto anteriormente, que divulgaram os acontecimentos e foram reproduzidos nas mídias com funções massivas. No Iêmen, assim como na Líbia, as mídias digitais não tiveram a mesma força das revoluções tunisiana e egípcia, nesse caso, devido ao baixo número de pessoas com acesso à internet⁵³. Entretanto, o meio digital também teve sua importância através da apropriação das mídias pelos poucos cidadãos com acesso, como demonstra a vídeo reportagem do *Voice of America*⁵⁴.

Os cidadãos do Iêmen protestavam contra as condições econômicas do país, o desemprego, a corrupção e as possíveis modificações na Constituição pretendidas pelo ex-ditador Saleh na tentativa de passar o poder para seu filho⁵⁵. Os protestos tiveram início em janeiro de 2011 na capital Sana'a e logo espalharam-se por todo o país⁵⁶. O ex-ditador reagiu prometendo sair do governo em 2013 e não passar o poder ao seu filho⁵⁷. Apesar das promessas, os protestos continuaram e o governo reagiu de forma violenta⁵⁸.

O Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)⁵⁹ tentou mediar a situação ao pedir que Saleh assinasse sua resignação, ficando por mais um mês no poder, e depois sairia com

⁵¹ Tawakkul Karman é jornalista, defensora dos direitos humanos e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz pelo seu papel desempenhado no Iêmen.

⁵² Disponível em: <http://www.democracynow.org/2011/10/10/nobel_peace_winner_tawakkul_karman_on>. Acesso em 2 mai 2012.

⁵³ Disponível em: <<http://www.flonnet.com/fl2905/stories/20120323290508900.htm>>. Acesso em: 10 abr 2012.

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mUFHIAV3eVE>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁵⁵ Disponível em: <<http://af.reuters.com/article/tunisiaNews/idAFLDE70J2BZ20110120>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁵⁶ Disponível em < <http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28yemen.html>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/02/yemen-president-ali-abdullah-saleh>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/yemen-says-more-than-2000-killed-in-uprising/2012/03/18/gIQAG0tLS_story.html> Acesso em 5 mai 2012.

⁵⁹ Bloco de países para a cooperação política e econômica formada pelo Bahrein, Kuwait, Omã, Qatar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.

imunidade⁶⁰. Apesar das tentativas, o governo não assinou o acordo, adiando a possível resolução do problema⁶¹.

Em junho de 2011, Saleh sofre uma tentativa de assassinato ao bombardearem o prédio do governo⁶². Após este episódio, Saleh foi evacuado para a Arábia Saudita (o vice-presidente ficou em seu lugar), onde os EUA e a Grã-Bretanha pressionaram o governo saudita à persuadir o ditador a deixar o poder e não retornar ao Iêmen⁶³. Apesar do esforço ocidental em fazer com que Saleh não retornasse ao país, ele retorna em setembro⁶⁴, causando uma nova onda de protestos⁶⁵.

Percebendo que a situação no país estava cada vez mais complicada, Saleh resolve assinar o plano do CCG em novembro de 2011, transferindo o poder para o vice-presidente Abd Rabbuh Mansur al-Handi⁶⁶. Em 21 de fevereiro de 2012, ocorre a eleição presidencial na qual Handi foi eleito com 99,8% dos votos para um mandato interino de 2 anos até que novas eleições sejam organizadas⁶⁷.

Segundo Mounassar (2012), Handi possui grandes desafios pela frente, enfrentando um país devastado tanto no setor social, no político quanto no econômico. As Forças Armadas mais poderosas ainda são controladas pelos familiares de Saleh; o sul do Iêmen ainda tende ao separatismo; e as rebeliões do grupo Shiite Zaidi⁶⁸ no norte ainda não foram solucionadas.

Síria

Todos os casos acima citados derrubaram seus governos, alcançando, assim, a vontade dos revoltosos. O próximo país estudado, a Síria, não derrubou (pelo menos até o presente momento) seu regime mas mobilizou sua população – e ainda continua a mobilizar – de forma organizada e antigovernamental, com protestos que tiveram impacto no meio internacional, alcançando amplo espaço tanto nas mídias digitais quanto nas convencionais.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2011-04-23/yemen-s-saleh-agrees-to-step-down-in-exchange-for-immunity-official-says.html>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁶¹ Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/05/2011519455413402.html>>. Acesso em 10 fev 2012.

⁶² Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/06/yemen-president-saleh-injured-attack>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁶³ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/05/yemeni-president-saleh-urged-deal>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁶⁴ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/23/yemeni-president-shock-return-confusion>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/24/yemen-clashes-leave-16-dead>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/23/yemen-president-quits>>. Acesso em: 10 fev 2012.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5iqhKKOqo6XDujeTI_yaD4B0CcyVA?docId=CNG.12cc0199ecc6457c2d2a25874218f73d.691> Acesso em: 2 mai 2012.

⁶⁸ Grupo xiita que não aceita o governo central.

A Síria, segundo Ouro Preto (2011), é um Estado setorial, ou seja, possui diversas comunidades distintas de cunho religioso e/ou étnico. “A maioria da população, cerca de 70% é sunita. Existem, todavia, cristãos ortodoxos, cerca de 10%, drusos 6%, malauitas perto dos 15%, bem como a minoria étnica curda perto de 6%” (OURO PRETO, 2011, p. 32). O grande problema político enfrentado pela Síria é que a minoria malauita – seita xiita – compõe os maiores cargos do país, inclusive o ditador Bashar al-Assad pertence a este grupo. Dessa forma, afirma-se que a revolta de 2011 estaria ligada a disputas entre as diversas facções, tendo em vista o apoio dos sunitas à oposição⁶⁹.

Desde 1963 o partido nacionalista Baath governa o país após um golpe militar. Bashar al-Assad tornou-se presidente em 2000 ao substituir seu pai, Hafez al-Assad, que já estava no poder desde 1970. Inicialmente, o regime de Bashar mostrou-se mais tolerante que o do seu antecessor, entretanto, esta situação mudou posteriormente. Desde então, vários grupos lutam pela manutenção do Direitos Humanos que não são respeitados pelo regime atual⁷⁰. De acordo com o relatório da *Human Rights Watch* de 2010⁷¹ a situação na Síria é caótica, com prisão e julgamento de ativistas, censura da internet (entre os *sites* censurados estavam o *Facebook* e o *Twitter*), prisões arbitrárias, desaparecimentos, torturas, discriminação e repressão contra a minoria curda, situação das mulheres e dos refugiados, entre outras acusações.

Além da política e dos Direitos Humanos, a questão socioeconômica também é um fator que compele os manifestantes a protestarem contra o governo de al-Assad. A Síria possui o maior número de jovens desempregados da região que não enxergam perspectivas de mudança neste regime⁷².

Em janeiro de 2011, Bashar al-Assad afirmou em entrevista ao *The Wall Street Journal* que era um “tempo para reformas”, tendo em vista os acontecimentos na Tunísia e no Egito⁷³. Entre suas reformas restaurou a permissão de algumas páginas da internet, entre elas o *Facebook* e o *YouTube*, em fevereiro do mesmo ano⁷⁴. Mesmo com a volta do uso livre das redes sociais, alguns cidadãos já conseguiam ter acesso às páginas censuradas através de servidores *proxy* que realizam a conexão à rede como se o usuário estivesse em um outro

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/syrias-sectarian-war-goes-international-as-foreign-fighters-and-arms-pour-into-country-7216665.html>>. Acesso em: 9 mar 2012.

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.hrw.org/en/node/10646/section/4>>. Acesso em: 9 mar 2012.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/wr2010.pdf>>. Acesso em: 9 mar 2012.

⁷² Disponível em: <<http://journalistsresource.org/studies/government/international/youth-exclusion-in-syria-economic/>>. Acesso em 9 mar 2012.

⁷³ Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704832704576114340735033236.html>>. Acesso em: 9 mar 2012.

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/02/10/world/middleeast/10syria.html>>. Acesso em 9 mar 2012.

local do globo. Dessa forma, as redes sociais já estavam presentes e só foram reforçadas com a permissão do governo. Apesar disso, a liberação também possui um lado positivo para o governo: a utilização permitida facilita o rastreamento dos usuários.

A censura e o medo do monitoramento faz com que os sírios temam o uso das mídias digitais, não tornando a utilização desse meio tão maciço quanto na Tunísia e no Egito. Segundo a agência de notícias Reuters⁷⁵, oficiais dos EUA teriam afirmado que o Irã estaria providenciando tecnologia de rastreamento *online* ao governo sírio, entretanto, ambos os países negam tal acusação. Para tentar fugir no monitoramento, os ativistas sírios só divulgam o local e a hora dos protestos no último minuto. Apesar das tensões, os manifestantes continuam a postar notícias, fotos e vídeos – inclusive transmissões ao vivo – de forma anônima dos acontecimentos na Síria, alimentando, assim, a mídia internacional que possui pouco acesso ao país.

Os protestos sírios tiveram início em fevereiro de 2011 quando foi marcado, via *Facebook* e *Twitter*, uma manifestação pacífica de apoio às revoluções tunisianas e egípcias chamada de “Dia de Fúria” (assim como em outros países que também utilizaram esta denominação). Entretanto, não se viu nenhuma mobilização nos dias (4 e 5) em que estava marcado o encontro⁷⁶. Devido a esta aparente inoperância dos manifestantes sírios, a rede de notícias árabe Al Jazeera chamou o país de “Reino do Silêncio”, alegando que a censura, o medo do regime, a diversidade religiosa e a popularidade do presidente teriam afastado a Primavera Árabe da Síria⁷⁷.

Apesar da dispersão inicial, em meados de março do mesmo ano os manifestantes começaram a elaborar demonstrações públicas antigovernamentais em várias cidades do país, recebendo forte repressão do regime de al-Assad⁷⁸. Insurgentes das Forças Armadas juntaram-se aos opositores criando o *Free Syrian Army* (Exército Livre da Síria, em português)⁷⁹ que tomou a frente dos protestos neste país. A formação do FSA aumentou o número de conflitos armados entre oposição e governo criando um estado crítico, beirando a guerra civil⁸⁰.

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/07/13/us-syria-social-media-idUSTRE76C3DB20110713>>. Acesso em 9 mar 2012.

⁷⁶ Disponível em: <<http://www.nupoliticalreview.com/?p=325>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/201129103121562395.html>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12757394>>. Acesso em 11 mar 2012.

⁷⁹ Disponível em: <http://news.monstersandcritics.com/middleeast/news/article_1682328.php/INTERVIEW-Thousands-of-Syrian-soldiers-have-defected-says-deserter>. Acesso em 11 mar 2012.

⁸⁰ Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-16984219>>. Acesso em 11 mar 2012.

Segundo o *blog* mantido pela Al Jazeera que atualiza constantemente informações sobre a situação na Síria, já foram mais de nove mil mortos decorrentes do conflito⁸¹. Além disso, o governo vem sendo acusado de fazer uso da força contra manifestantes, matando indiscriminadamente em uma política de “atirar para matar”⁸² e prendendo e torturando milhares de pessoas⁸³. Estas acusações levaram a imposição de embargos pela União Europeia⁸⁴ e pelos EUA⁸⁵, além do afastamento da Síria da Liga Árabe no final de 2011⁸⁶ após o governo não cooperar com um acordo que poria fim à violência contra os manifestantes.

Um Plano de Paz está sendo implementado pelas Nações Unidas sob a liderança de Kofi Annan⁸⁷ desde o final de fevereiro de 2012⁸⁸. Entretanto, apesar de tanto a Síria quanto o FSA terem concordado com um cessar-fogo, ainda registra-se ataques de ambos os lados até o presente momento⁸⁹. Dessa forma, a resolução dos conflitos que assolam a Síria ainda não possuem um prazo para seu fim, já que as revoltas continuam e o regime não parece ceder. Enquanto isso, jovens sírios continuam a se organizar através das redes sociais, a postar notícias no anonimato e a esperar pelo fim dos conflitos a que estão submetidos.

Através da análise desses cinco países é possível perceber que os desafios futuros são diversos e singulares a cada caso. Será necessário uma reestruturação de suas instituições políticas, uma reforma socioeconômica e a superação de diferenças seculares para que uma cooperação seja possível, visando o melhoramento das condições destes Estados.

O meio internacional foi pego de surpresa pela onda revolucionária da Primavera Árabe. Segundo Ouro Preto (2011), antigas alianças foram desfeitas (como no caso de apoio a certos ditadores por países europeus e pelos EUA), possíveis revisões de contratos econômicos podem ser realizadas (a venda de gás natural pelo Egito a Israel, por exemplo) e uma mudança de foco na região pelos países ocidentais – que saiu do Irã e passou aos Estados

⁸¹ Disponível em: <<http://blogs.aljazeera.com/liveblog/Syria>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁸² Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/28/syria-troops-kill-children-un-report>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁸³ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/01/06/world/middleeast/hundreds-tortured-in-syria-human-rights-group-says.html?_r=1> Acesso em: 11 mar 2012.

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/06/syria-sanctions-crackdown-eu>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/18/bashar-assad-target-us-sanctions-syria>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/11/13/world/middleeast/arab-league-votes-to-suspend-syria-over-its-crackdown-on-protesters.html>>. Acesso em: 11 mar 2012.

⁸⁷ Ex-Secretário-geral da ONU.

⁸⁸ Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-17144805>>. Acesso em: 10 mai 2012.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.cbsnews.com/8301-202_162-57425707/un-both-sides-in-syria-are-violating-the-truce/>. Acesso em: 10 mai 2012.

da Primavera Árabe – foi percebida. A geopolítica regional foi abalada pelos movimentos populares e somente quando os Estados se reestruturaram será possível realizar uma nova análise acerca da situação da região.

Ademais das insatisfações populares com seus velhos regimes ditatoriais e das consequências para o meio internacional, um outro destaque – e o mais importante para este trabalho – é o papel que as novas mídias digitais tiveram na organização e disseminação dos movimentos pelos distintos Estados do meio internacional. A apropriação desses meios foi capaz de cruzar as desgastadas fronteiras de censura das nações árabes alcançando não só suas nações irmãs vizinhas mas todo o globo através da rede mundial de computadores.

Como visto no final do primeiro capítulo deste trabalho, a mídia é uma importante fonte de poder para os que se apoderam de seus meios. Enquanto os Estados árabes controlavam as mídias, tornava-se difícil a livre expressão da população. Entretanto com o crescimento do acesso à internet na região, o controle das massas passou a ser um trabalho cada vez mais árduo. Segundo Puddephatt:

À medida que o poder libertador das comunicações pela internet se torna mais evidente, que as formas de acesso ao conteúdo se tornam mais móveis e flexíveis – como os smartphones –, e que conteúdos se tornam disponíveis em uma gama mais ampla de línguas locais, e não apenas em inglês, torna-se cada vez mais difícil controlar essa nova fonte de livre expressão. (PUDDEPHATT, 2011, p. 26)

A Primavera Árabe não foi o primeiro movimento a se utilizar da mídia e provavelmente não será o último. O inovador dessa onda revolucionária está na amplitude de alcance das mídias digitais e nas suas características democráticas de livre expressão dos indivíduos. A ligação entre a informação, a população, a política e as relações entre os Estados, entretanto, é histórica. Sendo assim, o capítulo seguinte focará nas inovações advindas das mídias digitais, como apresentadas nos casos da Primavera Árabe, dentro da relação mídia-poder em um contexto internacional.

3. AS MÍDIAS DIGITAIS, O PODER E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A terceira parte deste trabalho busca demonstrar como ocorre a relação entre a mídia, o poder e as relações internacionais na era da informação a partir do caso da Primavera Árabe. Trataremos aqui dos efeitos que as novas mídias proporcionaram à busca pelo poder e como isto afeta as relações entre os agentes internacionais, observando como estes estão se apropriando de tais meios. Tratar-se-á, também, das tentativas de controle das mídias digitais e do seu aspecto democrático, demonstrando como os novos espaços digitais – enquanto espaços desregulamentados – proporcionam aos agentes novas formas de ação global tal como o *ciberativismo* visto na onda revolucionária árabe no capítulo anterior.

Se informação é poder, como Francis Bacon já havia afirmado há mais de 400 anos, e esta perpassa atualmente pelos cabos e satélites da mídia, não há como negar a importância desta instância na busca pelo poder no tabuleiro das relações internacionais.

Antes de qualquer afirmação, entretanto, é necessário frisar que este trabalho compartilha dos pressupostos apontados por Leonardo Valente (2007) de que as esferas do poder tradicional continuam as mesmas dentro dos Estados: a militar, a política e a econômica. Não é possível afirmar que a mídia por si só, mesmo após a revolução comunicacional advinda do surgimento dos meios que criaram uma cultura de massa (como o rádio e a TV) e da internet, é uma esfera de poder paralela às supracitadas. Dessa forma, a mídia é vista e analisada como um *pilar fluido de poder*:

Em nosso caso, quando nos referimos a um pilar fluido, estamos nos referindo a uma estrutura fundamental à manutenção do poder de um Estado, mas que não opera sozinha, que age em outras estruturas e que precisa que elas funcionem, e bem, para poder atuar. (VALENTE, 2007, p. 35)

Dessa forma, a ideia de *fluido*, para Valente, está ligada ao termo criado por Zigmund Bauman (2001, p. 8 *apud* Valente, 2007, p. 34), em que demonstra como os fluidos “se movem facilmente”, diferentemente dos sólidos que “têm dimensões espaciais claras”. Sendo assim, os fluidos “não fixam o espaço nem prendem o tempo”, sendo difícil contorná-los ou controlá-los. A mídia, dessa forma, invade os *pilares sólidos* do poder – em maior escala os poderes político e econômico e de forma menos impactante o militar – criando novos desafios e novas oportunidades, mas sendo extremamente difícil mensurá-la no tempo e no espaço.

Apesar da apropriação deste conceito para a compreensão do papel das mídias nas relações de poder neste trabalho, Charaudeau (2009) ressalta que alguns autores apontam-na

como um quarto poder – aqui, entretanto, a “quarta posição” aparece após os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Para o autor, a comunicação manipula e se manipula, principalmente por fazer parte da concorrência capitalista das indústrias midiáticas, transformando-se, assim, em uma “máquina midiática” que produz informação para as massas em larga escala e de forma imediata. Entretanto, Charaudeau aponta que para ser um poder *de facto*, a mídia deveria ditar normas comportamentais, ter a capacidade de impor sanções e possuir indivíduos passíveis dessa “manipulação” diante de regras declaradas assim como o poder militar, político e econômico possuem.

O que o surgimento das novas mídias, e aqui especificamente das mídias digitais, realizou no campo do poder foi uma modificação na forma como os agentes internacionais põem em prática suas ações na busca pela sua sobrevivência no meio internacional e pelos seus interesses. Valente (2007) afirma que as inovações tecnológicas na mídia possuem tanto a capacidade de ampliar as três esferas do poder como de colocá-las em inoperância. Conseqüentemente, assistimos hoje a uma tentativa desenfreada dos agentes de se adequarem à nova realidade da “Era da Informação”.

A diminuição das distâncias, a circulação de informação em tempo real, as possibilidades infinitas de comunicação, o surgimento das agências de notícias internacionais com informações 24 horas, entre outras características desta nova “era”, constroem tanto novos meios de ação quanto novos empecilhos para os agentes internacionais. Ao mesmo tempo em que negociações políticas e econômicas no meio internacional tornam-se menos custosas e de fácil acesso, a dificuldade no controle com que a informação percorre o globo cria novos agentes e fatores que dificultam a ação estatal tais como a opinião pública e a própria imprensa.

Apesar disso, é importante ressaltar que os Estados não estão incorporando da mesma maneira as modificações que as novas mídias proporcionam. Os Estados democráticos, principalmente os mais desenvolvidos, possuem um maior grau de inserção na “Era da Informação”, por serem sociedades abertas e com uma população que possui cada vez mais acesso à informação. Já as ditaduras, como demonstra Valente, também incorporam as novidades mas de forma distinta:

Da mesma forma que não conseguem fugir totalmente do processo de globalização, as ditaduras não se livram da nova velocidade de comunicação diplomática entre os Estados, dos ataques da imprensa estrangeira capazes de formar uma opinião pública negativa em diversas regiões e governos e da disseminação da informação entre a sua população, por mais controlado que esse processo possa ser. (VALENTE, 2007, p. 26)

Analisando em um nível estatal, é clara a interferência das novas mídias nos países ditatoriais onde ocorreram as revoltas da Primavera Árabe. Como visto no capítulo anterior, mesmo com as tentativas de censura, a influência das ideias de maior participação política e de melhores condições econômicas e a fácil disseminação destas através das mídias digitais, isto somado ao descontentamento da opinião pública destes países com seus governos totalitários, foi a mistura perfeita para a eclosão das revoltas assistidas naquela região.

Dessa forma, a onda revolucionária que atingiu o norte da África e o Oriente Médio é um exemplo claro da afirmação de Valente acerca da inserção das ditaduras na nova “era”. Por não conseguirem conter o avanço do *pilar fluido de poder*, estes Estados viram-se invadidos pela ubiquidade das novas mídias que logo alcançaram a população, criando um fluxo de informações em duas vias: ao mesmo tempo em que recebem ideias e influências estrangeiras, compartilham também seus anseios e suas experiências, influenciando outros.

Os efeitos que estas novas mídias causam nas relações internacionais, segundo David Rothkopf (1998), citado e analisado por Leonardo Valente (2007), podem ser expressos a partir de sete fenômenos que dialogam entre si:

- a *capacidade de interconexão*, passando a ser desnecessário encontros físicos;
- a *descentralização e a desagregação*, tendo em vista que a facilidade de comunicação dificulta a centralização das negociações no governo central;
- a *desintermediação*, que anula a necessidade de um meio para a comunicação (tais como o correio, a TV, o rádio, etc.), consequência da comunicação face-a-face;
- o *deslocamento do real para o virtual*, aumentando, assim, a presença de um Estado em outro, sem a necessidade de encontros físicos;
- a *aceleração*, devido ao pressuposto do instantâneo;
- a *amplificação*, em que temas ganham grande repercussão (imprensa e opinião pública);
- e o *aumento da assimetria de poder*, já que as potências possuem maior capacidade de se adequar às novas mídias, demonstrando, assim, que as relações entre os Estados não estão caminhando para uma democratização deste meio.

Estes efeitos são tão impactantes para as relações internacionais que Rothkopf criou um novo termo para a Realpolitik⁹⁰ da “Era da Informação”, a *Cyberpolitik*:

⁹⁰ Segundo Henry Kissinger (2001), Realpolitik é “a política externa baseada em cálculos de poder e nos interesses nacionais”.

A Realpolitik da nova era é a Cyberpolitik, na qual os atores nas Relações Internacionais, principalmente os estados, terão seu poder dimensionado e fortalecido pelo poder da informação. Os fins continuarão os mesmos, mas os meios para se alcançarem esses fins serão modificados de forma drástica. (ROTHKOPF, 1998, p. 3 *apud* VALENTE, 2007, p. 38)

Os recursos fornecidos pela revolução comunicacional aos agentes internacionais passam, então, a ser estratégicos para o alcance dos interesses e da sobrevivência neste meio. Segundo Valente (2007), os outros recursos tanto de *hard* quanto de *soft power* já estariam bastante disseminados, não proporcionando mais seus fins de barganha e/ou sanção. A informação, nesse caso, passa a ser central para os agentes, que agiriam através do meio virtual (internet, TV, rádio, etc.), disseminando seus interesses na forma de discursos⁹¹.

Para Valente, o que diferencia os discursos atuais é que o meio virtual amplifica e fortifica seus objetivos devido às suas características de ubiquidade e de convergência. Utilizando-se das ideias de Michel Foucault, Valente (2007, p. 40) ressalta que “não haveria recurso melhor para essa busca [pelo poder], pois para ele [Foucault] as ligações entre o discurso e o poder são extremamente íntimas”.

Ou seja, para conquistar o poder é preciso ter o poder da informação e ter o poder significa também ter em mãos o sistema de informação e de discursos dominantes no cenário internacional. Se o grande espaço para o discurso contemporâneo é o virtual, Foucault reforça a tese de Rothkopf, de que a Cyberpolitik será o grande cenário das ações dos Estados. (VALENTE, 2007, p. 41)

Uma das formas de ação dos discursos dos agentes internacionais – nesse caso, especificamente o Estado – na *Cyberpolitik* teria como alvo inicial a opinião pública de um outro país. Segundo Valente (2007), a opinião pública serviria como um meio para o verdadeiro objetivo de atingir o Estado-alvo. Dessa forma, a imposição de novas ideias na opinião pública pressionaria o governo a tomar novas posições ou até mesmo poderia levar a derrubada de um governo por parte da população.

Neste ponto, Valente absorve os pressupostos realistas das relações internacionais de que os Estados são os atores mais importantes do cenário internacional, logo a ação de influência da opinião pública partiria sempre de um Estado visando atingir outro país e não a própria população. Mesmo criticando a ideia realista de Morgenthau que afirma ser desnecessária para os estudos neste campo a presença de elementos que não a política racional

⁹¹ Valente explica a ideia de discurso como “toda prática expressiva de linguagem que vise à produção e à circulação social do sentido (RABAÇA & BARBOSA, 1995 *apud* VALENTE, 2007, p. 40).

dos Estados tais como a opinião pública e o direito internacional, Valente reafirma a presença do Estado como único ator *de facto* no meio internacional.

Ora, afirmar que o Estado é o único *global player* capaz de influenciar a opinião pública de um país e tendo como único fim o próprio Estado, é negar todas as características das novas mídias com funções pós-massivas apontadas por diversos autores já apresentados no primeiro capítulo deste trabalho. A ubiquidade, a convergência e a alta mobilidade (propiciada pelo advento dos *smartphones*) dos novos meios, somados à *Web 2.0* que “cria possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na rede” (LEMOS & LÉVY, 2010, p. 52), geram, assim, um espaço de “todos” que libera os polos emissores, não mais dependentes do controle dos produtores das grandes mídias com funções massivas (TV, rádio, etc) nem dos Estados e seu controle midiático.

Pensar que os efeitos das novas mídias nas relações internacionais restringem-se apenas ao nível estatal é negar a existência de diversos agentes e fatores que influenciam no jogo de poder neste meio, assim como visto na Primavera Árabe, em que os manifestantes ganharam status de *global player*, devido aos seus discursos que geraram um alto poder de influência e de organização. Segundo Joseph Nye:

Há quatro séculos, o estadista e filósofo inglês Francis Bacon escreveu que informação é poder. No começo do século XXI, uma parcela muito maior da população tem acesso a esse poder, tanto dentro de cada país como entre eles. Os governos sempre se preocupam com o fluxo e o controle da informação, e o período atual não é o primeiro a se ver seriamente afetado pelas mudanças na tecnologia da informação. Atribui-se à invenção dos tipos móveis de Gutemberg, que permitiram a impressão da Bíblia, tornando-a acessível a grandes segmentos da população europeia, papel de grande importância no advento da Reforma. Os panfletos e os comitês de correspondência pavimentaram a independência dos Estados Unidos. No mundo rigorosamente censurado da França do século XVIII, as notícias que circulavam pelos mais diversos meios – oral, manuscrito, impresso – ajudaram a divulgar os fundamentos da Revolução Francesa. Como argumenta o historiador Robert Darnton, de Princeton, “toda era foi uma era da informação, cada qual à sua maneira”. Mas nem mesmo Bacon teria sido capaz de imaginar a revolução da informação do presente. (NYE, 2002 *apud* VALENTE, 2007, p. 20-21)

Sendo assim, apesar de Nye reforçar o argumento da importância da informação para a política e para as relações entre os Estados, também afirma que a população passa a ter um maior acesso ao poder devido às novas tecnologias informacionais e comunicacionais. Dessa forma, o autor demonstra uma disseminação de poder para fora da esfera dos Estados, gerando, assim, indivíduos e grupos não-estatais aptos a influenciar a política global, tais como redes terroristas, ativistas ou os próprios cidadãos revoltosos da Primavera Árabe, como afirma José Rubens Mascarenhas (2005).

Para Onuf (2002), um dos principais autores da corrente teórica construtivista das Relações Internacionais, os agentes não são os Estados, nem os Órgãos Internacionais, nem qualquer outra organização política, mas sim os próprios seres humanos enquanto seres sociais que constroem mundos⁹² que façam sentido para si. Segundo o autor, existem os indivíduos agentes, que constroem os mundos, e os observadores, que os analisam e influenciam a partir do momento em que se aproximam mais e mais destes mundos.

Para qualquer um de nós enquanto agentes, o mundo é toda a experiência. Assim que nos afastamos e nos tornamos observadores, vemos muitos mundos, mundos dentro de mundos, alguns dos quais nós pertencemos, outros não. Por definição, todo o mundo em que vivemos é ilimitado. Os limites de quase todos os mundos são mais fáceis de discernir quando nos afastamos deles. Por outro lado, somos obrigados a nos aproximar para ver muito do que acontece dentro desse mundo. Quanto mais perto estamos, mais provável é que tenhamos um efeito sobre o que vemos. Agentes, observadores: talvez a distinção seja analítica, mas indispensável na prática. (ONUF, 2002, p. 119, tradução nossa)

Sendo assim, quanto mais próximo do mundo político os jovens árabes chegaram tendo principalmente as mídias digitais como ferramenta, mais eles puderam influenciar nesta esfera a nível mundial. Dessa forma, os manifestantes árabes puderam efetuar suas ações como agentes do meio internacional, tendo em vista que buscavam modificar o mundo em que vivem já que o antigo regime não mais fazia sentido para eles.

Já para Wendt (1994) – também um autor construtivista – o principal ator a ser estudado na construção das relações internacionais é o Estado, que ainda concentra grande parte das decisões tomadas em nível internacional e pode manipular a opinião pública e o nacionalismo (grandes influenciadores das tomadas de decisões internas). Contudo, com o crescimento de alguns grupos não-estatais (WENDT, 1994, p. 9), o autor atenta para o aumento de importância que eles adquiriram. São atores que estão fora do modelo Westfaliano e que podem ajudar a formar identidades coletivas – o que mudaria a estrutura internacional.

Como consequência, e tendo como pressuposto a percepção de que os manifestantes árabes agiram como um *global player*, as mídias digitais proporcionaram a formação de uma identidade coletiva entre os manifestantes através da inteligência coletiva gerada por esses novos meios. Logo, a estrutura formada em Westfalia é afetada pela ação desses novos atores, mas não desmembrada, tendo em vista que os Estados ainda concentram grande parte do

⁹² Para Onuf (2002), não existe apenas um mundo (estrutura), mas diversos mundos como o dos eventos (onde os Estados agem), o da política, o das relações formais (feitas pelos agentes), o das atividades técnicas e dos serviços públicos, e o dos acadêmicos (que observam e influenciam outros mundos).

poder – militar, político e econômico – mas cada vez mais disseminam-no entre novos agentes, principalmente nas esferas econômica e política.

Como exemplo disso, é possível observar que cada vez mais as empresas multinacionais possuem autonomia econômica para agir da forma como bem entenderem, possuindo, assim, cada vez mais poder de influência, tanto na população quanto no próprio Estado. Já na esfera política, a Primavera Árabe é um bom exemplo da disseminação de poder, tendo em vista que as ações coletivas puderam influenciar não só indivíduos em outras nações, mas também Estados que apoiaram as reivindicações e reconheceram os grupos internos como os verdadeiros representantes do povo em detrimento dos governos tradicionalmente no poder.

Como visto no capítulo anterior, a onda revolucionária da Primavera Árabe “colheu o mundo de surpresa. Inclusive, aparentemente, serviços de inteligência como a CIA ou o MI5, os diplomatas, ONGs, centros de pesquisa, em diferentes áreas do planeta” (OURO PRETO, 2011, p. 27). Esta afirmação, somada à já conhecida boa relação entre as potências mundiais e os governos ditatoriais daquela região devido à questões estratégicas como o petróleo, parecem provar que a tese de Valente (2007) sobre uma ação externa de um Estado com o intuito de influenciar a opinião pública árabe visando atingir tais governos não é pertinente ao caso.

Dessa forma, como poderiam ter nascido e se espalhado os ideais de libertação dos Estados opressores que não conseguiam fornecer as demandas da população? Um dos possíveis fatores que explicaria parte do caso seria que a forte imersão da população jovem local, educada, de classe média e com acesso ao mundo digital teria sido influenciada e também influenciado através da rede. Sendo assim, o indivíduo em coletividade enquanto agente dos processos revolucionários da região, a partir do momento em que é capaz de influenciar e de ser influenciado por outros, passa a ter poder e a agir como um *global player* determinante para os acontecimentos da Primavera Árabe e suas consequências, como demonstra Andrew Puddephatt.

As mídias digitais permitiram um alto grau de organização política, ajudando a reunir grandes grupos muito rapidamente. Forneciam também uma plataforma para que as pessoas pudessem expressar sua solidariedade, tanto dentro do país como com outros países da região e do mundo. Os egípcios ficaram sabendo dos acontecimentos na Tunísia pelos próprios cidadãos tunisianos, e não pelas redes de notícias nacionais. A natureza pessoal desse contato – por amigos e familiares, ao invés das pouco confiáveis fontes tradicionais de notícias – foi particularmente eficaz. (PUDDEPHATT, 2011, p. 21)

Puddephatt ainda continua afirmando que:

Além disso, esse tipo de comunicação significava que as hierarquias políticas tradicionais podiam ser evitadas – era possível reunir um enorme número de pessoas em poucos dias, ou até mesmo em horas – porque alguém conhecia alguém que conhecia alguém no Facebook, e as notícias se espalhavam por ali. Ao contrário das mídias tradicionais, as mídias digitais facilitam uma comunicação coletiva e não hierárquica. (PUDEPHATT, 2011, P. 21)

Os jovens tunisianos, ao serem influenciados por uma extensa gama de informações e discursos existentes no meio digital que não são propriamente provenientes de Estados, mas partem das mais diversas fontes, até mesmo de indivíduos comuns, e percebendo que a situação em que se encontravam não propiciava uma mudança social, política e econômica profunda, apropriaram-se das mídias digitais, em especial das redes sociais, para disseminar seus anseios sem se preocuparem com a hierarquia política do Estado. Ao encontrarem pares que possuíam os mesmos ideais e aproveitando-se da facilidade de organização que as redes sociais promovem, fugindo, assim, da censura característica dos países ditatoriais, passaram a agir não só na Tunísia, mas conseguiram influenciar diversas pessoas nas nações vizinhas e no mundo. O mesmo ocorreu com as outras sociedades por onde a Primavera Árabe floresceu.

Isto só foi possível devido às características democráticas que as mídias digitais possuem. Segundo Lemos e Lévy (2010), a transformação na esfera pública a partir da criação dos novos espaços digitais de troca de informações possui um forte impacto na questão democrática. Para os autores, existem três pontos fundamentais de influência: o primeiro diz respeito à possibilidade da fácil aquisição de informação, de expressão, de associação e de deliberação entre os cidadãos. “Em suma, a computação social aumenta as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do ‘povo’” (LEMOS & LÉVY, 2010, p. 14).

Outro efeito da denominada *ciberdemocracia*⁹³, é a pressão que o povo pode exercer em seus governantes por mais “transparência, abertura e diálogo” a partir de uma coesão da opinião pública. O último ponto ressalta a característica mundial do espaço público digital, tendo em vista a permeabilidade das fronteiras geográficas permitindo que as ações cidadãs e as opiniões cheguem a diferentes nações, procurando solucionar problemas ambientais, sociais, econômicos e políticos.

Dessa forma, a potencialização do “povo”, a pressão exercida em seus governos e a presença de um espaço público digital global que possibilitou aos indivíduos árabes uma maior ação política enquanto disseminadores e consumidores de informação, foram pontos

⁹³ Termo utilizado por Lemos e Lévy (2010) para denominar o impacto das mídias digitais nas questões democráticas.

cruciais para os acontecimentos da Primavera Árabe, principalmente por possibilitarem uma ampla liberdade de expressão:

A importância dos acontecimentos no Oriente Médio iluminou o fato de que as comunicações digitais oferecem uma nova plataforma para a liberdade de expressão a nível global. (PUDDEPHATT, 2011, p. 21)

A liberdade de expressão, entre outros fatores, é o que possibilita o surgimento de movimentos de ação coletiva visando um fim específico. O ativismo propõe a ação de um certo número de pessoas engajadas na solução de um problema específico. Da mesma forma ocorre no meio virtual – denominado *ciberativismo* – onde vários usuários unem-se em prol de um fim comum. O *ciberativismo* só é possível devido às características democráticas dos meios digitais demonstradas por Lemos e Lévy (2010), permitindo liberdade aos *ciberativistas* para expor suas ideias e suas reivindicações.

David de Ugarte define:

“ciberativismo” como toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal. (UGARTE, 2007, p. 55)

O autor ainda afirma que:

O ciberativismo não é uma técnica, mas uma estratégia. Fazemos ciberativismo quando publicamos na rede — em um blog ou em um fórum — esperando que os que lêem avisem aos outros, entrelaçando seus próprios blogs ou recomendando-lhes a leitura por outros meios, ou quando enviamos um e-mail ou um SMS para outras pessoas, na esperança de que o reenviem à sua lista de contatos. (UGARTE, 2007, p. 55)

Tendo este conceito como pressuposto, é possível perceber que as ações coletivas durante a Primavera Árabe tiveram o *ciberativismo* como técnica, tendo em vista o amplo uso da rede para a organização das manifestações e para a captação de apoio a nível global. Sendo assim, o “boca a boca” do meio digital foi essencial para a troca de informações entre os indivíduos envolvidos e destes com o mundo.

Atualmente existem diversos espaços de *ciberativismo* na rede. Dentre eles o mais difundido globalmente é o Avaaz⁹⁴, que é específico para esta função e já se envolveu em diversos casos, tais como a tentativa de pressionar a Presidente do Brasil, Dilma Roussef, através de uma petição online, a vetar a proposta do novo Código Florestal. Entretanto, também existem mobilizações online que apropriam-se de ferramentas pré-existentes como o *Facebook*, o *Twitter*, o *YouTube* para realizar suas ações, tais como as eleições no Irã de 2009⁹⁵ e o *Occupy Wall Street*⁹⁶, além, é claro, da própria Primavera Árabe.

Apesar da característica de livre expressão da internet, Puddephatt (2011) afirma que existem diversas tentativas de controle e regulamentação deste meio, tanto por parte de Estados agindo de forma unilateral quanto por ações intergovernamentais que podem vir a desacelerar o desenvolvimento das plataformas digitais. A censura, como visto em diversos países da Primavera Árabe, é algo bastante comum em Estados não democráticos. Existem diversos exemplos – além dos da Primavera Árabe – deste tipo de cerceamento da liberdade de expressão, tais como o rastreamento dos manifestantes das eleições de 2009 no Irã, o bloqueio do *YouTube* na Turquia, as tentativas de retirar o *Facebook* do Paquistão e o tráfego roteado por servidores do governo de serviços de e-mails na Índia. Entretanto, como afirma Puddephatt (2011), foram os chineses que implantaram a censura mais sofisticada do mundo.

A China criou em 2006 o chamado “Escudo Dourado”, visando um maior controle legal das ações de seus cidadãos na internet. Os computadores vendidos naquele país, possuem *softwares* de censura pré-instalados que possibilitam o rastreamento fácil da máquina e o que é consumido é enviado por esta ao governo. Outra ação chinesa é o filtro de conteúdos, não permitindo que seus cidadãos tenham acesso a diversas páginas da web, além da utilização do sistema de “armazenamento e reenvio”, onde servidores locais arquivam os dados enviados pelos chineses e só liberam na internet quando quiserem (e se quiserem). A China conta hoje com mais de 250 mil analistas da internet que trabalham para o governo censurando os conteúdos.

Apesar de a censura estar presente majoritariamente em Estados com princípios controladores, há também nos países democráticos tentativas de regulamentação da rede,

⁹⁴ Página da internet que busca criar uma comunidade de mobilização online sobre diversos temas. Pode ser acessado através do endereço: <<http://www.avaaz.org/>>.

⁹⁵ As eleições no Irã de 2009 foram tumultuadas pelas acusações de que o governo havia adulterado os votos para perpetuar-se no poder. Como resposta, o governo fez uso da violência para conter a população revoltada e proibiu a cobertura da mídia. Dessa forma, a população apropriou-se do *Facebook* e do *Twitter* para mostrar a real situação em que o país se encontrava, utilizando-se de vídeos, fotos e notícias.

⁹⁶ *Occupy Wall Street* é um movimento contra as desigualdades econômicas mundiais. Teve início em Nova Iorque, EUA, e rapidamente se espalhou para diversas outras cidades do mundo, devido, principalmente, ao uso do *Facebook* e do *Twitter* como plataforma comunicacional.

buscando impor a soberania estatal neste meio. Atualmente existem órgãos internacionais que tratam da funcionalidade da internet, tais como o *Internet Corporation for Assigned Names and Numbers* (Corporação para os Nomes e Números Designados na Internet – ICANN) e o *World Wide Web Consortium* (W3C), entretanto, não regulamentam as suas ações. Apesar do bom funcionamento deste meio, segundo Puddephatt (2011), fóruns de diálogos tais como o IBAS e órgãos internacionais como a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e a APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico), discutem formas de uma melhor regulamentação dos espaços digitais.

Apesar disso, Puddephatt ressalta que:

Cresce o consenso de que para as comunicações digitais servirem aos interesses públicos e apoiar revoluções democráticas, como as do Oriente Médio, precisam desenvolver-se de acordo com os direitos humanos fundamentais e com os princípios democráticos. (PUDDEPHATT, 2011, p. 25)

E ainda continua:

Na verdade, a regulamentação governamental frequentemente limita o desenvolvimento da internet, os reguladores governamentais têm dificuldade de acompanhar o ritmo de um ambiente de transformações muito rápidas. O mundo digital pode ser entendido como um ecossistema de evolução constante, que muda e cresce continuamente, e não como um sistema planejado com um objetivo ou uma configuração final predeterminada. Não há nenhum plano-mestre, e nenhuma organização pode se dizer dona de um “plano-mestre” para o seu desenvolvimento. Há fortes razões para se defender que a internet não precisa de um novo sistema de regulação global, e sim de liberdade para crescer e se desenvolver organicamente como tem acontecido até agora, e que tentar estabelecer uma nova estrutura regulatória internacional prejudicaria sua abertura e sua capacidade de inovação. (PUDDEPHATT, 2011, p. 25)

Dessa forma, é fácil compreender que foi a “natureza não estruturada das comunicações pela internet – antielitista e sem controle – [que] permitiu que novos grupos de pessoas se tornassem ativas” (PUDDEPHATT, 2011, p. 25-26). Os jovens manifestantes da Primavera Árabe, assim, utilizaram-se dos espaços vazios que as mídias tradicionais censuradas não conseguiam preencher e agiram através de um *ciberativismo* global. “Talvez a lição das revoluções árabes seja que a internet não precisa de orientação, que tentativas de criar resultados específicos tendem a sair pela culatra” (PUDDEPHATT, 2011, p. 26).

As mídias tradicionais, entretanto, tiveram seu papel – como visto anteriormente – ao reproduzirem os materiais digitais, dando notoriedade e veracidade aos fatos. Apesar deste fato, foi a cobertura através dos meios digitais que proporcionou a visão interna dos acontecimentos, pois mesmo as grandes agências internacionais de notícias, por vezes, não

conseguem atingir ao mesmo tempo a perspectiva do agente e da vítima, seja por controle ou pressões governamentais, seja pela dificuldade de acesso ou até mesmo pela política interna da agência que pode vir a apoiar um lado ou outro.

Um bom exemplo dessa ação “limitada” das mídias tradicionais foram as guerras provenientes da política de combate ao terrorismo do ex-presidente americano George W. Bush. Segundo Jacques A. Wainberg (2005, p. 41-42) e o documentário *The War You Don't See* (A Guerra que Você Não Vê) de John Pilger (2010), o governo americano permitia “embutir” – termo utilizado pelo governo – repórteres dentro das Forças Armadas, entretanto, estes só tiveram acesso àquilo que os militares lhes permitiam ver. Segundo relatos do documentário, as agências que “embutiram” repórteres, foram as que mais ganharam destaque dentro dos Estados Unidos, buscando uma maior aprovação da opinião pública interna, enquanto que os repórteres independentes e a opinião pública local pouco tinham acesso aos grandes meios com funções massivas. A agência de notícias árabe, Al-Jazeera, ganhou notoriedade global neste período por ter mostrado o outro lado da guerra, dando voz aos civis, vítimas dos ataques.

A Primavera Árabe, ao contrário, já nasce dentro dos espaços digitais que, como visto, não são hierárquicos nem regulamentados pela elite como as mídias tradicionais. Esse é o grande diferencial deste movimento, que possibilitou uma visão dos agentes/vítimas, em detrimento da visão controlada que seus governos “vendiam” ao mundo.

Tendo estes pressupostos como base, entretanto, é importante frisar que as mídias digitais não foram as responsáveis diretas pelas ações, já que, como visto no início deste capítulo, não são um poder por si sós. Os espaços digitais, entretanto, ganham importância fundamental por servirem como um meio para a ação coletiva, catalisando os efeitos esperados, assim como Puddephatt aponta no caso da Primavera Árabe:

As mídias sociais, por si sós, não produziram a revolução árabe, mas ao oferecer constantemente novos conteúdos e comentários às mídias tradicionais funcionaram como catalisadores das mudanças. Foi a combinação entre as mídias digitais e tradicionais que se mostrou tão letal para esses regimes. (PUDDEPHATT, 2011, p. 20)

Sendo assim, foram os jovens árabes os responsáveis pelos processos revolucionários da Primavera Árabe, as ferramentas digitais apenas lhes proporcionaram uma forma de agir coletivamente e globalmente, angariando, assim, apoio às suas reivindicações. Atribuir às mídias digitais o crédito da revolução é negar a essência social das relações de poder e, conseqüentemente, das relações internacionais.

Dessa forma, como visto nesse capítulo, a relação mídia-poder torna-se fundamental para compreender não só o caso da Primavera Árabe, mas diversos outros eventos que ocorrem frequentemente no cenário internacional. As Relações Internacionais, assim como qualquer área das ciências sociais, modificam-se constantemente de acordo com a evolução da sociedade e do modo como se relacionam. Sendo assim, negar a existência da influência do *poder fluido* da mídia dentro das esferas tradicionais de poder, é negar o impacto que as novas tecnologias possuem nas relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência das novas tecnologias da informação e da comunicação nas relações sociais já é um fato recorrente de estudo e análise em diversas áreas das ciências humanas. A presença cada vez mais forte dessas novas ferramentas interconectou o mundo de forma nunca antes vista, criando redes de contatos entre as mais diversas sociedades ao redor do globo. Apesar disso, os estudos da área de Relações Internacionais sobre o tema ainda são incipientes, não outorgando a mesma ênfase ao assunto, assim como outras ciências de áreas afins já o fazem.

Nos parece então emergencial que o campo de estudos das Relações Internacionais reflita este fenômeno de reconfiguração multidisciplinar através das várias vertentes que constituem este campo. Apesar de diversos casos em que as mídias digitais influenciaram diretamente na tomada de decisões no cenário internacional, durante a etapa de pesquisa bibliográfica, nos deparamos com um escasso acervo sobre o assunto que levasse em conta os postulados de RI.

A Primavera Árabe – como observado durante o trabalho – é um desses fenômenos em que as novas mídias não foram apenas uma ferramenta a mais, mas tiveram ligação direta com esta reconfiguração, deixando rastros incontestáveis no desenrolar dos protestos para o nosso campo de estudo. Sendo assim, o caso nos parece de relevância para percebermos algumas questões sobre o fenômeno.

Com o objetivo de analisar até que ponto as novas mídias são capazes de influenciar as relações entre os agentes internacionais, a pesquisa se propôs em um primeiro momento a levantar as características desses meios digitais, trazendo diversos conceitos da área de Comunicação para o mundo das Relações Internacionais. A característica das mídias digitais de serem pervasivas e ubíquas – disseminam-se por todos os lugares – como afirmam Lemos e Palácios (2001), encaixa-se perfeitamente no processo de intensificação da globalização pelo qual o mundo passava no fim do século XX. Isto gerou a interconexão na qual estamos presentes, deixando o espaço e o tempo cada vez mais relativos e gerando a possibilidade de construir algo em conjunto, o que Lévy (2007) denominou de inteligência coletiva.

Na segunda parte do trabalho, buscamos demonstrar não apenas o contexto histórico da Primavera Árabe, mas também como a construção coletiva, elevada a nível global pela emergência das mídias digitais, foi capaz de proporcionar os movimentos ocorridos na região árabe, nos quais seus integrantes fizeram usufruto de uma gama de plataformas digitais para

se organizarem e se comunicarem não apenas entre si, mas também com o mundo. A apropriação de redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*, além da utilização do *YouTube* com o objetivo de colocar vídeos na internet, se deu de forma distinta entre os diversos países por onde a Primavera floresceu, entretanto, foi a conexão entre os jovens das mais diversas nacionalidades que proporcionou a rapidez com que assistimos à derrubada de diversos governos ditatoriais na região.

Por fim, e tendo como pressupostos os dados levantados nos dois primeiros capítulos, a pesquisa buscou demonstrar como se dá a relação entre a mídia e o poder no âmbito global. A mídia, enquanto um poder fluido como demonstrou Valente (2007), não possui as mesmas características que as outras esferas de poder – militar, econômica e política – pelo qual um agente internacional pode disseminar suas ações. No entanto, esta é capaz tanto de amplificar tais esferas quanto de colocá-las em inoperância. Isto ocorre justamente pela fluidez de seu poder, interferindo direta ou indiretamente no funcionamento das esferas supracitadas.

Sendo assim, a capacidade das novas mídias de estarem em diversos lugares ao mesmo tempo, disseminando informações por entre os mais diversos Estados, instituições, sociedades e indivíduos, e tendo como pressuposto sua clara relação com o poder, percebe-se cada vez mais que as mídias digitais estão possibilitando ações dos mais diferentes agentes em um nível global, antes restritas aos Estados e a poucas organizações internacionais.

A teoria construtivista das Relações Internacionais possibilita uma boa apreensão dessas mudanças, tendo em vista sua percepção acerca dos agentes enquanto seres sociais que modificam suas noções de mundo, buscando dar sentido ao espaço ao seu redor. Dessa forma, a partir do momento em que a estrutura não mais faz sentido para os indivíduos e possuindo as ferramentas necessárias para uma ação coletiva enfática, as mudanças no meio internacional acabam por se tornar inevitáveis.

Não é à toa que os Estados vêm buscando cada vez mais um controle dos meios digitais a fim de regulamentar seu funcionamento. Entretanto, cresce o consenso tanto pela comunidade acadêmica quanto pela sociedade civil e por alguns Estados e organizações internacionais de que uma rede aberta e democrática é a melhor solução para o desenvolvimento das tecnologias digitais, tendo em vista sua natureza global e livre, em que sua construção se dá pela troca de informações dentre as mais diversas fontes.

Como consequência, percebe-se que movimentos como os da Primavera Árabe só tornam-se possíveis devido às características democráticas e globais da rede que possibilitaram uma ação coletiva que acabou por tornar-se global, influenciando diversas outras sociedades. Os anseios dos jovens árabes por melhores condições de vida e por mais

liberdade conseguiu romper as barreiras de Estados ditatoriais com uma estrutura governamental falida e isso se deve, entre outros fatores, à presença das ferramentas digitais.

Os movimentos revolucionários ainda continuam a ocorrer na região árabe, mas esse fenômeno veio a enfatizar o novo cenário das Relações Internacionais: novos agentes estão cada vez mais presentes em um ambiente que antes fora dominado pelo modelo Westfaliano. O espaço digital – que espalha-se a uma velocidade surpreendente pelo globo – é um dos novos mundos de ação dos agentes internacionais dentro do mundo político. Logo, cabe à academia observá-lo e analisá-lo para uma maior compreensão da complexidade da área em nos propomos a estudar.

REFERÊNCIAS

AL-HAJ, Ahmed. **Yemen says more than 2,000 killed in uprising**. Sanaa: The Washington Post, 2011. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/yemen-says-more-than-2000-killed-in-uprising/2012/03/18/gIQAG0tcLS_story.html>. Acesso em: 10 fev 2012.

AL-JAZEERA. **Corporate Profile**. Al-Jazeera, 2012. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/aboutus/2006/11/2008525185555444449.html>>. Acesso em: 25 mai 2012.

_____. **Gaddafi's death: World reaction**. Al-Jazeera, 2011. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/africa/2011/10/20111020135216487214.html>>. Acesso em: 10 fev 2012.

_____. **Saleh refusal forces Yemen deal postponement**. Al-Jazeera, 2011. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/05/2011519455413402.html>>. Acesso em: 10 fev 2012.

_____. **Syria: 'A kingdom of silence'**. Al-Jazeera, 2011. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/201129103121562395.html>>. Acesso em: 11 mar 2012.

_____. **Syria Live Blog**. Al-Jazeera, 2012. Disponível em: <<http://blogs.aljazeera.com/liveblog/Syria>>. Acesso em 11 mar 2012.

AMARAL, Inês. **Jornalismo, self media, media sociais e a realidade dos “prosumers”**. 2009. Trabalho apresentado ao Seminário de Ciberjornalismo do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, Porto, 2009.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. 2. ed. São Paulo: Elsevier, 2006. Porto

ANDERSON, Lisa. Desmistificando a Primavera Árabe – analisando as diferenças entre a Tunísia, o Egito e a Líbia. Tradução de Paula Zimbres. **Política Externa**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 39-44, jun/ago. 2011.

BAKRI, Nada; GOODMAN, J. David. **Thousands in Yemen Protest Against the Government**. Beirut: The New York Times, 2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28yemen.html?_r=1>. Acesso em: 10 fev 2012.

BATTY, David. **Yemen violence leaves scores dead**. The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/24/yemen-clashes-leave-16-dead>>. Acesso em: 10 fev 2012.

BAUMAN, Zygmunt, **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BBC. **Middle East unrest: Syria arrests Damascus protesters.** BBC, 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12757394>>. Acesso em: 11 mar 2012.

_____. **Syria unrest: Opposition seeks arms pledge.** BBC, 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-17144805>>. Acesso em: 11 mar 2012.

BBC BRASIL. **Gaddafi é investigado por 'uso do estupro como arma de guerra'.** Uol Notícias, 2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/06/08/gaddafi-e-investigado-por-uso-do-estupro-como-arma-de-guerra.jhtm>>. Acesso em: 10 fev 2012.

BEAUMONT, Peter. **Gaddafi takes key towns as Nato squabbles over Libya action.** Tripoli: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/10/gaddafi-libya-nato>>. Acesso em 10 fev 2012.

BECK, Ulrich. **O que é globalização?** Equívocos do globalismo: respostas à globalização. Tradução de André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BLACK, Ian. **Embattled Yemeni president Ali Abdullah Saleh urged to make exit deal.** The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/05/yemeni-president-saleh-urged-deal>>. Acesso em: 10 fev 2012.

_____. **Libyan rebels win international recognition as country's leaders.** The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jul/15/libyan-rebels-international-recognition-leaders>>. Acesso em: 10 fev 2012.

_____. **Syria troops have killed more than 250 children, UN report finds.** The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/28/syria-troops-kill-children-un-report>>. Acesso em: 11 mar 2012.

_____. **Tunisia's elections will map out a path for the Arab spring.** The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/19/tunisia-elections-path-arab-spring>>. Acesso em: 25 fev 2012.

_____. **Yemeni president in Saudi hospital with 'extensive' injuries from palace attack.** The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jun/06/yemen-president-saleh-injured-attack>>. Acesso em: 10 fev 2012.

BOMBEROWITZ, Justin. **The Libyan Revolution Through Social Media.** Boston: BostInno, 2011. Disponível em: <<http://bostinno.com/2011/08/22/the-libyan-revolution-through-social-media/>>. Acesso em: 30 fev 2012.

BYRNE, Eileen. **Tunisia assembly holds inaugural session.** Túnis: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/22/tunisia-assembly-inaugural-session>>. Acesso em: 25 fev 2012.

CAREY, Glen; HATEM, Mohammed. **Yemen's Saleh Agrees To Step Down In Exchange For Immunity, Official Says.** Bloomberg, 2011. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2011-04-23/yemen-s-saleh-agrees-to-step-down-in-exchange-for-immunity-official-says.html>>. Acesso em 10 fev 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Intercomunicação**. 2006. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2006/08/18/a-era-da-intercomunicacao-por-manuel-castells/>>. Acesso em: 10 mar 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CBS. **UN: Both sides in Syria are violating the truce**. CBS News, 2012. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/8301-202_162-57425707/un-both-sides-in-syria-are-violating-the-truce/>. Acesso em: 10 mai 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James H. **O poder das conexões: a importância do networking e como ele molda nossas vidas**. Tradução de Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CHULOV, Martin. **Libya rebels isolate Gaddafi, seizing cities and oilfields**. Benghazi: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/24/libya-rebels-control-gaddafi-oilfields>>. Acesso em: 10 fev 2012.

CRUZ, Sebastião C. Velasco e. **Globalização, democracia e ordem internacional: ensaios de teoria e história**. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Editora Unesp, 2004.

DANIEL, Sara; SALAMATIAN, Ahmad. **La révolte verte: la fin de l'islam politique?**. Paris: Editions Delavilla, 2010.

DELANY, Colin. **How Social Media Accelerated Tunisia's Revolution: An Inside View**. 2011. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/colin-delany/how-social-media-accelera_b_821497.html>. Acesso em: 25 fev 2012.

DEMOCRACY NOW. **Nobel Peace Winner Tawakkul Karman on Yemen and the U.S. War on Terror**. Democracy Now, 2011. Disponível em: <http://www.democracynow.org/2011/10/10/nobel_peace_winner_tawakkul_karman_on>. Acesso em: 2 mai 2012.

DUWAJI, Omar. **The Syrian 'Day of Rage': A Revolution That Wasn't**. Northeastern University Political Review, 2011. Disponível em: <<http://www.nupoliticalreview.com/?p=325>>. Acesso em: 11 mar 2012.

EGYPT'S TRANSITION. **Results of Egypt's People's Assembly Election**. Cairo: Egypt's Transition, 2012. Acesso em: 10 fev 2012.

ELJARH, Mohamed. **Libya: Elections, Rebuilding Institutions and Demilitarisation of Politics**. Londres: Middle East Online, 2012. Disponível em: <<http://www.middle-east-online.com/english/?id=50901>>. Acesso em: 28 fev 2012.

FACEBOOK. **Facebook Newsroom**. 2012. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/default.aspx>>. Acesso em 16 abr 2012.

FAHIM, Kareem. **Hundreds Tortured in Syria, Human Rights Group Says**. Beirut: The New York Times, 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/01/06/world/middleeast/hundreds-tortured-in-syria-human-rights-group-says.html?_r=1>. Acesso em: 11 mar 2012.

FARAH, Paulo Daniel. A Primavera Árabe no *Machreq, Maghreb e Khalīj*: motivações e perspectivas. **Política Externa**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 45-55, jun/ago. 2011.

FINN, Tom. **Yemen president quits after deal in Saudi Arabia**. Sanaa: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/nov/23/yemen-president-quits>>. Acesso em: 10 fev 2012.

_____. **Yemeni president's shock return throws country into confusion**. Sanaa: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/23/yemeni-president-shock-return-confusion>>. Acesso em: 10 fev 2012.

FINN, Tom; AL-HARAZI, Shatha. **Yemeni president vows to step down in 2013 in bid to head off 'day of rage'**. Sanaa: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/02/yemen-president-ali-abdullah-saleh>>. Acesso em: 10 fev 2012.

FOX NEWS. **Arab Spring**. Fox News, 2012. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/topics/world/arab-spring.htm>>. Acesso em: 24 jan 2012.

GHOBARI, Mohammed; SUDAM, Mohamed. **UPDATE 1-Protests erupt in Yemen, president offers reform**. Sanaa/Aden: Reuters, 2011. Disponível em: <<http://af.reuters.com/article/tunisiaNews/idAFLDE70J2BZ20110120>>. Acesso em: 10 fev 2012.

PUTTINGTON, Arch. **The Arab Uprisings and Their Global Repercussions**: selected data from Freedom House's annual survey on political rights and civil liberties. Washington: Freedom House, 2012. Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/sites/default/files/inline_images/FIW%202012%20Booklet--Final.pdf>. Acesso em: 30 mar 2012.

HAMZA, Weedah. **Thousands of Syrian soldiers have defected, says deserter**. Beirut: Monsters & Critics, 2011. Disponível em: <http://news.monstersandcritics.com/middleeast/news/article_1682328.php/INTERVIEW-Thousands-of-Syrian-soldiers-have-defected-says-deserter>. Acesso em: 11 mar 2012.

HAUSER, Christine. **New Service Lets Voices From Egypt Be Heard**. The New York Times, 2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/02/02/world/middleeast/02twitter.html?_r=1>. Acesso em: 12 jan 2012.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. Tradução de José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, A.; MATRINO, L.; FRANÇA, V (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HUANG, Carol. **Facebook and Twitter key to Arab Spring uprisings**: report. Dubai: The National, 2011. Disponível em: <<http://www.thenational.ae/news/uae-news/facebook-and-twitter-key-to-arab-spring-uprisings-report>>. Acesso em: 25 fev 2012.

HUMAN RIGHTS WATCH. **No Room to Breathe**. Human Rights Watch, 2011. Disponível em: <<http://www.hrw.org/en/node/10646/section/4>>. Acesso em: 9 mar 2012.

_____. **World Report 2010**. Human Rights Watch, 2010. Disponível em: <<http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/wr2010.pdf>>. Acesso em: 9 mar 2012.

INDEX MUNDI. **Mauritania GDP – per capita (PPP)**. 2011. Disponível em: <[http://www.indexmundi.com/mauritania/gdp_per_capita_\(ppp\).html](http://www.indexmundi.com/mauritania/gdp_per_capita_(ppp).html)>. Acesso em: 24 jan 2012.

_____. **Qatar GDP – per capita (PPP)**. 2011. Disponível em: <[http://www.indexmundi.com/qatar/gdp_per_capita_\(ppp\).html](http://www.indexmundi.com/qatar/gdp_per_capita_(ppp).html)>. Acesso em: 24 jan 2012.

ITU. **Connect Arab Summit 2012: Connecting the unconnected by 2015...** - ICT adoption and prospects in the Arab region. Geneva: ITU, 2012. Disponível em: <http://www.itu.int/dms_pub/itu-d/opb/ind/D-IND-AR-2012-PDF-E.pdf>. Acesso em: 16 jan 2012.

_____. **Free statistics**. Geneva: ITU, 2012. Disponível em: <<http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/>>. Acesso em: 16 jan 2012.

JAN, Sun. **Libyan parties reject draft election law**. Tripoli: Reuters, 2012. Disponível em: <<http://af.reuters.com/article/libyaNews/idAFL6E8CF09420120115?pageNumber=1&virtualBrandChannel=0>>. Acesso em: 10 fev 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KUMAR, Sashi. Arab Spring and the social media. **Frontline**, Nova Délhi, v. 29, n. 5, p. 10-23, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.flonnet.com/fl2905/stories/20120323290508900.htm>>. Acesso em: 10 abr 2012.

LARSEN, Rozanne. **Youth Exclusion in Syria: Social, Economic and Institutional Dimensions**. Journalistis Resource, 2011. Disponível em: <<http://journalistsresource.org/studies/government/international/youth-exclusion-in-syria-economic/>>. Acesso em: 9 mar 2012.

LEMOS, André. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 121-137, 2007. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em: 06 mar 2012.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIBYAN INTERIM NATIONAL COUNCIL, The. **Introducing the Council**. Tripoli: NTC, 2011. Disponível em: <<http://www.ntclibya.org/english/about/>>. Acesso em: 10 fev 2012.

LINDSEY, Ursula. **Confusion Surrounds Egypt's Presidential Elections, Set for May 23**. Cairo: The Daily Beast, 2012. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/articles/2012/05/02/confusion-surrounds-egypt-s-presidential-elections-set-for-may-23.html>>. Acesso em: 4 mai 2012.

MACASKILL, Ewen. **Syria's president, Bashar al-Assad, becomes US target for sanctions**. The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/18/bashar-assad-target-us-sanctions-syria>>. Acesso em: 11 mar 2012.

MACASKILL, E.; BLACK, I.; WATT, N. **Libya: UN security council backs no-fly zone and air strikes**. Tripoli: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/17/libya-un-security-council-air>>. Acesso em: 10 fev 2012.

MACFARQUHAR, Neil. **Arab League Votes to Suspend Syria Over Crackdown**. Cairo: The New York Times, 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/11/13/world/middleeast/arab-league-votes-to-suspend-syria-over-its-crackdown-on-protesters.html>>. Acesso em: 11 mar 2012.

MARSH, Katherine. **Syria sanctions declared as violent crackdown continues**. Damascus: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/06/syria-sanctions-crackdown-eu>>. Acesso em 11 mar 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. *In*: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MASCARENHAS, José Rubens. A retórica chauvinista do 'espírito americano'. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 13/14, jan/jun. 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v13_14_livros3.pdf>. Acesso em: 20 fev 2012.

MATTERLART, Armand. **História da sociedade da informação**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MCGREAL, Chirs. **Egypt's military rejects swift transfer of power and suspends constitution**. Cairo: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/13/egypt-military-rejects-swift-power-handover>>. Acesso em: 12 jan 2012.

MCGREAL, Chirs; SHENKER, Jack. **Hosni Mubarak resigns – and Egypt celebrates a new dawn.** Cairo: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/11/hosni-mubarak-resigns-egypt-cairo>>. Acesso em: 12 jan 2012.

MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João Pontes. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MOUNASSAR, Hammoud. **Yemen's Saleh formally steps down after 33 years.** Sanaa: AFP, 2012. Disponível em: <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5iqhKKOqo6XDujeTI_yaD4B0CcyVA?docId=CNG.12cc0199ecc6457c2d2a25874218f73d.691>. Acesso em: 2 mai 2012.

NEVES, Ricardo. **O novo mundo digital: você já está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

ONUF, Nicholas. **Worlds of Our Making: The Strange Career of Constructivism in International Relations.** In: PUCHALA, Donald J. **Visions of International Relations: Assessing an Academic Field.** Columbia: University of South Carolina Press, 2002.

OTTAWAY, Marina. **Electing a New Egypt.** Cairo: Egypt's Transition, 2011. Disponível em: <<http://egyptelections.carnegieendowment.org/2011/11/28/electing-new-egypt>>. Acesso em: 12 jan 2012.

OURO PRETO, Affonso Celso de. **Movimentos contra o autoritarismo.** *Política Externa*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 27-37, jun/ago. 2011.

PATRIOTA, Antônio de Aguiar. **Tempos de mudança no Mundo Árabe.** *Política Externa*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 13-17, jun/ago. 2011.

PILGER, John. **The War You Don't See.** Reino Unido: Dartmouth Films, 2010. DVD (97 min).

PRESTON, Jennifer. **Syria Restores Access to Facebook and YouTube.** The New York Times, 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/02/10/world/middleeast/10syria.html?_r=1>. Acesso em: 9 mar 2012.

PUDDEPHATT, Andrew. **As revoluções árabes e a comunicação digital.** Tradução de Paula Zimbres. *Política Externa*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 19-26, jun/ago. 2011.

PULITZER CENTER. **One Year After the Revolution, Where Is Tunisia Heading?.** 2012. Disponível em: <<http://pulitzercenter.org/projects/tunisia-revolution-democracy-unemployment-economy-strikes-conservatism-islam-constitution-arab-spring>>. Acesso em: 25 fev 2012.

REUTERS. **Libya bans religious, tribal or ethnic parties.** Tripoli: Reuters, 2012. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2012/04/25/us-libya-election-idUSBRE83O0Y620120425>>. Acesso em: 5 mai 2012.

_____. **Libyan protesters clash with police in Benghazi.** The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/16/libyan-protesters-clash-with-police>>. Acesso em: 10 fev 2012.

_____. **Social Media: a double-edged sword in Syria.** Damascus: Reuters, 2011. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/07/13/us-syria-social-media-idUSTRE76C3DB20110713>>. Acesso em: 9 mar 2012.

RITZER, George; JURGENSON, Nathan. Production, Consumption, Prosumption: The Nature of Capitalism in the Age of the Digital “Prosumer”. **Journal of Consumer Culture**, Maryland, v. 10, n. 1, p. 13-36, mar 2010. Disponível em: <<http://www.georgeritzer.com/docs/Production%20Consumption%20Prosumption.pdf>>. Acesso em: 06 mar 2012.

RUSSELL, Jon. **Fuelled by emerging markets, Facebook set to hit 1 billion users in August.** The Next Web, 2012. Disponível em: <<http://thenextweb.com/facebook/2012/01/12/fuelled-by-emerging-markets-facebook-set-to-hit-1-billion-users-in-august/>>. Acesso em: 17 abr 2012.

SANDERS, Sam. **Libya conflict: Who’s who in the international coalition.** Washington: Washington Post, 2011. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/blogpost/post/libya-conflict-whos-who-in-the-international-coalition/2011/03/23/ABVlvPKB_blog.html>. Acesso em: 10 fev 2012.

SECURITY COUNCIL. **Security Council approves ‘no fly-zone’ over Libya, authorizing ‘all necessary measures’ to protect civilians, by vote of 10 in favour with 5 abstentions.** Nova York: United Nations, 2011. Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs//2011/sc10200.doc.htm>>. Acesso em: 10 fev 2012.

SENGUPTA, Kim. **Syria's sectarian war goes international as foreign fighters and arms pour into country.** Antakya: The Independent, 2011. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/syrias-sectarian-war-goes-international-as-foreign-fighters-and-arms-pour-into-country-7216665.html>>. Acesso em: 9 mar 2012.

SHUAIB, Ali; MURPHY, François. **Libya's NTC unveils new government line-up.** Tripoli: Reuters, 2011. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/11/22/us-libya-idUSTRE7AL0JM20111122>>. Acesso em: 10 fev 2012.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Seja o primeiro a saber: a CNN e a globalização da informação.** São Paulo: Summus, 2005.

SPINDLE, Bill; SOLOMON, Jay. **Syria Strongman: Time for 'Reform'.** Damascus: The Wall Street Journal, 2011. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704832704576114340735033236.html>>. Acesso em 9 mar 2012.

STEPANOVA, Ekaterina. The Role of Information Communication Technologies in the “Arab Spring”: Implications Beyond the Region. **PONARS Eurasia**, Washington, n. 159, mai. 2011.

STOCKINGER, Gottfried. A interação em ciberambientes e sistemas sociais. *In*: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2001.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TELECO. **Perfil dos usuários de internet no Brasil**. 2012. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/internet_usu.asp>. Acesso em: 16 jan 2012.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TWITTER. **Sobre o Twitter**. 2012. Disponível em: <<https://twitter.com/about>>. Acesso em 16 abr 2012.

_____. **Twitter turns six**. 2012. Disponível em: <<http://blog.twitter.com/2012/03/twitter-turns-six.html>>. Acesso em: 16 abr 2012.

VALENTE, Leonardo. **Política externa na era da informação: o novo jogo do poder, as novas diplomacias e a mídia como instrumentos de Estado nas Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VIZER, Eduardo Andrés. **A trama (in)visível da vida social: comunicação, sentido e realidade**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: Comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.

WALLERSTEIN, Immanuel. A reestruturação capitalista e o sistema-mundo. *In*: GENTILI, Paulo (Org.). **Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial**. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000.

WATT, Nicholas. **Nicolas Sarkozy calls for air strikes on Libya if Gaddafi attacks civilians**. Brussels: The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/mar/11/nicolas-sarkozy-libya-air-strikes>>. Acesso em: 10 fev 2012.

WEAVER, Matthew. **Muammar Gaddafi condemns Tunisia uprising**. The Guardian, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/16/muammar-gaddafi-condemns-tunisia-uprising>>. Acesso em: 10 fev 2012.

WENDT, Alexander. Collective identity formation and the international state. **American Political Science Review**, Los Angeles, v. 88, n. 2, p. 384-396, jun. 1994.

_____. Constructing International Politics. **International Security**, Cambridge, v. 20, n. 1, p. 71-81, mai/jul. 1995.

WOOD, Paul. **Syria's slide towards civil war**. BBC, 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-16984219>>. Acesso em: 11 mar 2012.

UGARTE, David de. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

U.S. DEPARTMENTE OF STATE. **Lebanon**: Country Reports on Human Rights Practices. Washington, 2003. Disponível em: <<http://www.state.gov/j/drl/rls/hrrpt/2002/18281.htm>>. Acesso em: 24 jun 2012.

YOUTUBE. **Sobre o YouTube**. 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/t/about_youtube>. Acesso em: 16 abr 2012.